



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

**UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS COM BASE NOS
SABERES DE UM GRUPO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

JOSENILDE BEZERRA DE SOUZA COSTA

CAMPINA GRANDE
2017

JOSENILDE BEZERRA DE SOUZA COSTA

**UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS COM BASE NOS
SABERES DE UM GRUPO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências.

Orientador: Dr. Paulo César Geglio

CAMPINA GRANDE
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837e Costa, Josenilde Bezerra de Souza.

Um estudo etnobotânico sobre plantas medicinais com base nos saberes de um grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos [manuscrito] / Josenilde Bezerra de Souza Costa. - 2017. 58 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ens. de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Paulo Cezar Geglio, Departamento de Educação".

1. Conhecimento popular. 2. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 3. Etnobotânica. 4. Plantas medicinais. I. Título.

21. ed. CDD 581.634

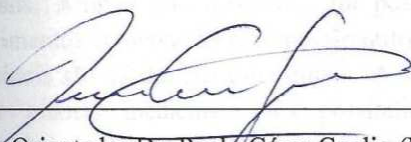
JOSENILDE BEZERRA DE SOUZA COSTA

UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS COM BASE NOS SABERES DE UM GRUPO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências. Área de concentração: Ensino de Ciências.

Orientador: Dr. Paulo César Geglio

BANCA EXAMINADORA



Orientador Dr. Paulo César Geglio (UEPB)



Prof.^a Dra. Márcia Adelino da Silva Dias (UEPB)



Prof.^o Dr. Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho (UEPB)

Campina Grande, (29 de Março de 2017).

A minha grande e eterna amiga, Márcia Adelino que me deu tanto apoio, para cruzar este caminho, com sua paciência, e crença em meus esforços, aos meus professores que sempre acreditaram na minha capacidade intelectual, e aos meus familiares que apoiaram meus esforços, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder o dom da vida, a sabedoria, a força de vontade e a Fé, pois sem esses atributos a mim ofertado, não teria tamanha capacidade.

Ao meu Orientador Paulo César Geglio, pela Excelente Orientação e paciência, sem as suas orientações, críticas e sugestões eu não teria conseguido progredir na pesquisa.

Ao meu marido Evaldo Costa, que durante todo esse processo, me deu forças para lutar e continuar a batalha, foi paciente, sempre me incentivou e acreditou em meu esforço.

E a minha excelentíssima querida, amiga e professora, Márcia Adelino, que eu não tenho palavras para agradecer o quanto foi importante nesse processo, e irá continuar sendo muito importante na minha vida e história, eu realmente não teria conseguido enfrentar essa batalha sem ela.

E ao meu querido amigo Francisco Luciano, por ter acreditado em meus esforços, e ter me ajudado tanto com suas orientações e críticas, em meu trabalho.

RESUMO

COSTA, J. B. S. **Um estudo etnobotânico sobre plantas medicinais com base nos saberes de um grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba.

A espécie humana carrega em sua história cultural uma série de saberes e informações que foram transmitidos de geração para geração, e que estão presentes até hoje em muitos tipos de comunidades. As práticas com plantas medicinais são um exemplo de que o ser humano sempre buscou, em seu ambiente natural, elementos que o ajudassem a ter uma melhor qualidade de vida. Os estudos voltados para as tradições culturais podem atuar na escola de maneira a valorizar os conhecimentos etnobotânicos trazidos pelos alunos da EJA. Nessa perspectiva, elaborou-se uma situação de estudo com o objetivo de identificar os saberes e o uso de plantas medicinais dos alunos do EJA de uma escola da região do interior da Paraíba. O método utilizado na investigação foi a pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados por meio de narrativas históricas, em que oito participantes, de gênero masculino e feminino, com idades entre 38 a 78 anos, participaram de uma entrevista de forma voluntária, narrando e respondendo sobre os seus conhecimentos e uso das plantas medicinais em seu cotidiano. A entrevista foi gravada e os dados foram armazenados, analisados e avaliados de forma objetiva e aprofundada. Através das narrativas, foi possível identificar de onde foram adquiridos os conhecimentos etnobotânicos, como são utilizados em suas práticas e para que fins as plantas medicinais são usadas por estes alunos. A situação de estudo considerou que estudar e conhecer plantas medicinais nos possibilita uma aproximação com os conhecimentos etnobotânicos dos estudantes e as suas raízes familiares, além de ser uma oportunidade de incentivá-los a refletir sobre a sua trajetória de vida, e ressaltar a importância do seu conhecimento para a escola.

Palavras-chave: saber da tradição, educação de jovens e adultos, narrativa, plantas medicinais

ABSTRACT

COSTA, J. B. S. **A study ethnobotanist about medicinal plants based on the knowledge of a group students of education of young people and adults.** 2017. Dissertation (Thesis) - State University of Paraíba.

The human species carries in its cultural history a series of knowledge and information that have been handed down from generation to generation and therefore they are present until today in many types of communities. Practices with medicinal plants are an example of the fact that the human beings have always sought, in their natural environment, elements that would help them to have a better quality of life. Studies focused on cultural traditions can act in the school in order to value the ethnobotanical knowledge brought by the youth and adult education (*EJA*) students. In this perspective, a study situation was made up with the objective to identify the knowledge and the use of medicinal plants of *EJA* students from a school of the Paraíba country region. The used method will be the qualitative research. Data will be collected through historical narratives, in which eight participants, male and female, with age range 38-78 years, will participate in an interview on a voluntary basis, narrating and responding to their knowledge and use of medicinal plants in their daily lives. The interview will be recorded so that the data are stored and they can be objectively and deeply evaluated and analyzed. Through the narratives, it is expected to identify from where the ethnobotanical knowledge was acquired, how they are used in their practices and for what purposes the medicinal plants are used by these students. The study situation considers that studying and knowing medicinal plants allow us to approach the students' ethnobotanical knowledge and their family roots, as well as being an opportunity to encourage them to reflect on their life trajectory and to emphasize the importance of their knowledge for the school.

Keywords: Traditional knowledge, youth and adult education, narrative, medicinal plants.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação das principais plantas utilizadas na medicina popular dos alunos do EJA do distrito Roma, em Bananeiras/PB, (2016)	42
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 METODOLOGIA	12
3 O SABER DA TRADIÇÃO NA CULTURA DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS	13
3.1 O SABER POPULAR / SABER DA TRADIÇÃO ETNOBOTÂNICA	19
4 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA COMO FONTE DE ANÁLISE DAS TRADIÇÕES	23
5 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, ESCOLA E CULTURA	29
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

A sociedade humana carrega em sua história cultural uma série de saberes e informações sobre o meio ambiente em que está inserida, os quais contribuem de maneira significativa para a sua vida. O ser humano sempre buscou, no ambiente natural, elementos que o ajudassem a ter uma melhor qualidade de vida, principalmente no que concerne à saúde. Dessa forma, ele acumulou práticas que se tornaram tradicionais, sobretudo, com a utilização de plantas que sempre estiveram presentes em diferentes culturas. O uso de plantas vai desde a alimentação e construção de abrigos, até para fins medicinais.

Podemos considerar como tradição, o culto que as pessoas fazem sobre crenças e saberes que são passados de geração para geração e, dessa forma, se constitui como cultura histórica de algum lugar ou como característica identificadora de comunidades específicas. No caso das plantas medicinais, as tradições são repetidas com o seu uso frequente, e sua utilização é feita por muitas comunidades, como as indígenas, para a cura de várias enfermidades.

Lopes (1999, p. 150) afirma que “os saberes populares são fruto da produção de significados das camadas populares da sociedade, e que as práticas sociais cotidianas, a necessidade de desenvolver mecanismos de luta pela sobrevivência, os processos de resistência constituem um conjunto de práticas formadoras de diferentes saberes”.

O universo cultural é muito vasto e envolve tradições milenares na forma de rituais e práticas, que passaram entre as gerações, por meio das convivências e das atividades educativas. Entre essas práticas figura o uso dos produtos da natureza, como a flora, sobretudo das também chamadas de plantas medicinais. De tais plantas, extraem-se princípios ativos da raiz até as folhas. Acreditava-se que elas possuíam propriedades terapêuticas e nutricionais e que, se usadas corretamente, poderiam curar diversas enfermidades. Tupiassú e Cardoso (2010, p.20) dizem que, atualmente, com o desenvolvimento científico “[...] aproximadamente 70% dos medicamentos são feitos a partir de plantas. Levando em consideração que o Brasil possui cerca de 55 mil espécies vegetais e é o país com maior biodiversidade do planeta”. O uso das plantas medicinais e fitoterápicos com finalidade profilática, paliativa ou para fins de diagnóstico, passou a ser oficialmente reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no ano de 1978, durante a conferência em Alma-Ata, antiga União Soviética (Brasil, ROSA *et al.*, 2011).

No que se refere às intervenções voltadas para o conhecimento das tradições culturais, no âmbito escolar, elas constituem potencial iniciativa para valorizar a diversidade cultural

local e promover a interação da escola com os produtores de cultura. De acordo com Kovalski *et al.* (2010, p.10), “Se os diferentes saberes que fazem parte da constituição de cada indivíduo fossem compreendidos e a escola propiciasse a mediação entre estes saberes, a capacidade de diálogo entre educador e educando se tornaria mais viável, possibilitando a negociação de significados e a utilização correta de plantas medicinais”. A autora sugere, portanto, que os saberes populares não são considerados na escola. Entre tantos conteúdos e disciplinas cotidianas, os saberes populares parecem não ter relevância, dificultando o diálogo entre professores e alunos em torno desse assunto e tornando os saberes que envolvem a utilização de plantas medicinais enfraquecidos entre as gerações atuais.

Consideramos que estas são práticas importantes para unir a educação, sobretudo as práticas escolares às tradições e aos saberes culturais. Embora a escola faça parte da vida cotidiana de muitas famílias que tem acesso a ela, e ser um ambiente saudável e estratégico para a divulgação e sistematização cultural, na maioria das vezes, ela não funciona como uma instituição que interfere efetivamente na vida social das pessoas, de modo a configurar-se como um ambiente de manifestação e divulgação cultural.

Nossa inclinação ao trabalho de pesquisa para o entendimento sobre a cultura do uso das plantas medicinais, relacionada com a educação, está ligada à nossa própria história de vida, à convivência familiar, em que a prática da utilização de plantas era comum para diversos fins, principalmente, quando voltados para a saúde. Sobre isso, recordamo-nos do aproveitamento das folhas, caules e raízes que eram manipulados com sua peculiaridade.

Investigar essa tradição com alunos da EJA nos aproxima da história das pessoas, das suas identidades, de sua formação familiar e social, e nos faz entender de que maneira as interações culturais com a natureza conectam e interligam as pessoas. Também nos faz refletir sobre o modo como elas, embora possuam diferentes crenças, percebem a essência do uso das plantas e como transmitem esse conhecimento.

Outro fato importante que nos inclina para esse estudo é a formação acadêmica voltada para as ciências biológicas. Nosso percurso formativo despertou o desejo de unir a educação com as tradições no uso das plantas medicinais, sobretudo com os alunos da EJA, uma vez que consideramos que eles são portadores de muitos saberes a esse respeito. Dessa maneira, partilhar e investigar o que sabem se tornou nosso interesse pessoal, profissional e científico.

Estudar os conhecimentos sobre plantas medicinais, que estão relacionados com a história de vida, possibilita-nos uma aproximação com os seus conhecimentos etnobotânicos e suas raízes familiares. Fazer isso na escola, com alunos da Educação de Jovens e Adultos, é

também uma oportunidade de incentivá-los a refletir sobre sua trajetória de vida e ressaltar a importância de seu conhecimento para a escola. Essa prática, por meio de um processo pedagógico, visa possibilitar que o aluno se perceba como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento ao contribuir com os saberes tradicionais que envolvem a sua história de vida, sua ação e importância na preservação ambiental.

Com essa perspectiva, propomo-nos, no presente trabalho investigativo, revelar os diferentes saberes, costumes e crenças sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais dos alunos da educação de jovens e adultos (EJA). Assim, a pergunta de investigação que norteia nosso trabalho pode ser formulada da seguinte maneira: como foram constituídos os saberes a respeito do uso de plantas medicinais por um grupo de alunos da EJA e como isso pode ser utilizado no contexto dos saberes escolares?

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental João Paulo II localizada no sítio Roma de Cima, no município de Bananeiras, na região do brejo da Paraíba. Trata-se de um município fundado em 9 de maio de 1833, com uma área total atual de 257,931km² com uma população de 21.235 e com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,568, de acordo com dados do IBGE (2015). A economia do município de Bananeiras é firmada na agricultura e na pecuária. As temperaturas anuais chegam a atingir 15°C, entre os meses de maio a agosto, (SILVA, 2012). Participaram da pesquisa alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da E.M. João Paulo II, com uma faixa etária variando entre 38 e 78 anos e que se dispuseram a participar de livre acordo da nossa investigação. O método utilizado na investigação foi a pesquisa qualitativa. Os alunos mais velhos da escola, foram os escolhidos pela direção da escola e a pesquisadora para participarem do estudo. Os dados foram coletados por meio de entrevista e a partir do contextos de narrativas orais, com um grupo de oito participantes, sendo de gêneros masculino (dois) e feminino (seis), estes participaram de uma entrevista, narrando e respondendo sobre os seus conhecimentos e uso das plantas medicinais em seu cotidiano. Os dados coletados foram utilizados único e exclusivamente para fins desta pesquisa e, por motivos éticos, os nomes dos alunos foram preservados e substituídos por nomes fictícios em suas falas descritas na pesquisa. Os informes foram transcritos e repassados a eles para anuir sobre o que falaram. As gravações ficaram em posse da pesquisadora responsável pela guarda dos dados para que estes ficassem armazenados e pudessem ser analisados e avaliados de forma aprofundada. Bayard (1957, p. 9) afirma que as narrativas são muito importantes, pois, “[...] ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais do que a rigidez da história cronológica de fatos consignados”.

Com o recurso das narrativas como fonte de análise, podemos nos aproximar da realidade e do imaginário popular, conhecendo suas memórias, as culturas dos seus povos, e ter acesso à realidade das suas vidas, seus costumes e saberes. O homem se comunica por meio de seus movimentos e falas, assim as narrativas orais possuem papel importante quando deixam revelar os conhecimentos e cultura que envolvem mitos e lendas que fazem parte de um povo e diferentes etnias. Segundo Nogueira e Vagini (2010, p.121), as narrativas populares orais e escritas constituem um material riquíssimo para análise textual, uma vez que se utiliza de diversas formas de linguagem, que se entrelaçam e produzem um mosaico de efeitos e sentidos esclarecedores.

3 O SABER DA TRADIÇÃO NA CULTURA DO USO DAS PLANTAS MEDICINAIS

O termo “tradição” tem amplo significado e pode incluir histórias inventadas, construídas entre as gerações, passadas de mestre para discípulo, mas tudo faz parte da cultura. Algumas tradições são bem conhecidas pela humanidade, outras são restritas a um determinado povo, e outras, com a modernidade, acabam se transformando em tabus. As tradições estão sempre relacionadas com os costumes de um povo, com religião, família, misticismo ou até mesmo com origem difícil de ser definida, mas elas estão inseridas na história cultural da humanidade. Segundo Piscitelli (1992, p. 151), “Só são consideradas tradições orais aquelas baseadas em testemunhos verbais que se referem a acontecimentos do passado - sucedidos a uma distância de, pelo menos, uma geração”. Em geral, as tradições e culturas têm seu formato original ou copiado, as quais podem ter sido importadas ou nativas e que foram organizadas através de processos cronológicos.

Sabemos também que a história humana envolve as práticas aprendidas para melhor sobrevivência, seja ela na construção de abrigos, técnicas para adquirir o alimento, e até aquelas voltadas para a promoção da saúde. Podemos concluir que a partir dessas técnicas é que surgiram as tradições culturais de um povo, envolvendo suas crenças e formas de promoção do bem-estar da família. Piscitelli, (1992, p. 153) afirma que:

[...] na atualidade, existe um certo consenso sobre a riqueza oferecida pelo trabalho com histórias de vida. Esta reside em outorgar um lugar de privilégio à experiência vivida, em sentido longitudinal, e em possibilitar a integração de percepções individuais e pautas universais de relações humanas, através de articulações temporais.

A palavra cultura, por sua vez, está relacionada com o ato de cultivar, como, por exemplo, o cultivo agrícola, cultivo de animais ou de insetos, na verdade é o cultivo do que cresce naturalmente. De acordo com Eagleton (1943, p.11), o termo cultura

[...] sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. É uma noção “realista”, no sentido epistemológico, já que implica a existência de uma natureza ou matéria-prima além de nós; mas tem também uma dimensão “construtivista”, já que essa matéria-prima precisa ser elaborada numa forma humanamente significativa.

A cultura também está diretamente relacionada com o desdobramento semântico da história do ser humano, com as mudanças que foram e vão acontecendo ao longo e no decorrer dos séculos. Ainda de acordo com Eagleton (1943, p.15), “[...] a cultura, assim é uma

questão de auto-superação tanto quanto de auto-realização. Se ela celebra o eu, ao mesmo tempo também o disciplina, estética e asceticamente”. A cultura também direciona as tradições de um povo, muitas dessas “tradições culturais” são até hoje consideradas sagradas pelas religiões ou até mesmo reverenciadas e protegidas. De acordo com Vannucchi (1999, p. 30), “[...] a cultura, costuma indicar um vasto conjunto orgânico de dados materiais de um povo (seus contornos geográficos, sua organização social, as realizações técnicas, artísticas religiosas, etc.) [...]”.

Atualmente, cultura popular e as tradições estão cercadas pela globalização e pela evolução tecnológica e indústria cultural. Nas regiões mais afastadas da capital é onde ainda permanecem os costumes e tradições culturais. Segundo Tomazzoni *et al.* (2006, p.116):

As plantas medicinais representam fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde das pessoas. Além da comprovação da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo, sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações.

O cultivo de plantas e ervas medicinais, as danças folclóricas, as crenças religiosas e populares, são exemplos da permanência da tradição cultural. Segundo Fraxe (2004, p. 20):

[...] uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social, isto é, no âmbito de uma “cultura híbrida” com relação aos cânones urbanos, o caboclo busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo a mitos, lendas, plantas medicinais, rezadeiras, assim como ao trabalho, ao labor e ao lazer; onde o homem viveu e ainda vive, em algumas áreas de forma tradicional, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas do rio e das chuvas, curando-se de suas doenças com as plantas e ervas da floresta.

A tradição na cultura das plantas medicinais possibilita ao ser humano trocar informações com o meio ambiente e com o meio em que vive, por meio de rodas de conversas, da prosa com o vizinho, etc. Conforme Brasileiro *et al.* (2008, p. 2):

Em sociedades tradicionais, a comunicação oral é o principal meio pelo qual o conhecimento é transmitido, e, para que essa transmissão ocorra, é necessário o contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos. Isto acontece normalmente em sociedades rurais ou indígenas, nas quais o aprendizado é feito pela socialização, no interior do próprio grupo doméstico e de parentesco, sem necessidade de instituições mediadoras.

Por muitas vezes, encontra-se inserido nestes momentos o conhecimento relativo às plantas medicinais, e neste acervo de informações existe sempre uma receita para cura de alguma enfermidade ou para a própria alimentação, e assim a sociedade humana vai saciando as suas necessidades de sobrevivência. De acordo com Argenta et al (2011, p. 52), “Deste modo, plantas são usadas como o único recurso terapêutico de uma parcela da população brasileira e de mais de 2/3 da população do planeta. Os principais fatores que influenciam na manutenção desta prática são o baixo nível de vida da população e o alto custo dos medicamentos”. Evidências arqueológicas comprovam que o uso de plantas medicinais era feito há séculos, em diversas culturas.

O emprego de plantas medicinais para o tratamento e a cura de doenças é prática tão antiga quanto a história do homem. A arte de benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeiras de tempos antigos, encontra-se hoje em teste nos laboratórios científicos. Várias áreas de pesquisa têm buscado avaliar experimentalmente a veracidade das informações sobre as virtudes das plantas medicinais, com base em conhecimentos adquiridos e consolidados durante milhares de anos e repassados através de gerações por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna (RADOMSKI, 2003, p. 1).

As primeiras evidências sobre o uso de plantas medicinais pelo homem remontam ao Egito Antigo. De acordo com Tupiassú e Cardoso (2011, p. 20), “O faraó Ramsés I e seus contemporâneos, por exemplo, em 1500 a.C. já registravam e descreviam o uso das plantas medicinais na antiga civilização egípcia no chamado Papiro de Ebers”. Segundo Argenta et al (2011, p.53), “No Brasil, a primeira descrição sobre o uso de plantas como remédio foi realizada por Gabriel Soares de Souza, autor do Tratado Descritivo do Brasil, de 1587”. Esse tratado descrevia os produtos medicinais utilizados pelos índios. A história e tradição com as plantas medicinais no Brasil também são fruto da grande influência africana, dos escravos, bem como dos índios que cultuavam estes costumes. Na interpretação de Tomazzoni *et al* (2006, p.117):

A contribuição dos escravos africanos com a tradição do uso de plantas medicinais, em nosso país, se deu por meio das plantas que trouxeram consigo, que eram utilizadas em rituais religiosos e também por suas propriedades farmacológicas, empiricamente descobertas. Os índios que aqui viviam, dispostos em inúmeras tribos, utilizavam grande quantidade de plantas medicinais e, por intermédio dos pajés, este conhecimento das ervas locais e seus usos foram transmitidos e aprimorados de geração em geração.

Desde então, a tradição com a cultura de plantas medicinais tem se tornado presente na vida do ser humano, seja para alívio e cura de doenças até o controle de pragas em lavouras. Nesse último caso, em função das plantas possuírem substâncias tóxicas que afugentam insetos que prejudicam o bom desenvolvimento da plantação. Não obstante, o uso indevido de plantas medicinais pode ser prejudicial para o ser humano, pois algumas delas são tóxicas e podem prejudicar, por exemplo, a formação do feto, se alguma delas for ingerida durante a gravidez. Elas também podem fazer mal às pessoas se forem ingeridas sem a devida orientação.

A recorrência das pessoas às plantas medicinais também figura entre os fatores que despertaram a atenção da indústria farmacêutica. Não obstante, sabemos que esse é um ramo industrial de alto custo, que embora se beneficie do conhecimento tradicional não visa à popularização do conhecimento. Porém, um estudo realizado na Baixada Fluminense – RJ, com uma associação chamada Rede Fitovida, aborda o exemplo de mulheres que trabalham voluntariamente com preparações medicamentosas e cosméticos, tais como: pomadas, xaropes, sabonetes e shampoos, à base de plantas medicinais. Estes produtos e medicamentos são comercializados para a população de baixa renda. A associação é composta por 108 (cento e oito) grupos de mulheres com idades acima de 50 anos, distribuídos em várias regiões do estado do Rio de Janeiro, e reunindo-se uma vez ao ano para socializar experiências e renovar suas receitas. O grupo trabalha sem fins lucrativos, tendo a matéria-prima doada ou comercializada. A Agência Nacional de Vigilância, no entanto, é responsável por estabelecer as normas e procedimentos para a comercialização dos produtos (RODRIGUES, 2007). O importante destas preparações medicamentosas é que elas acabam fazendo com que a sabedoria popular e a tradição de cultivar essas plantas em casa permaneçam presentes na vida do ser humano, principalmente daqueles que não têm acesso aos medicamentos industrializados.

Embora os estudos sobre plantas medicinais estejam bem avançados, ainda existe um sentimento de decepção e dúvida sobre o bom funcionamento desses medicamentos. Sobre isso, Radomski (2003, p. 1) afirma que:

Inúmeras espécies vegetais tiveram seus efeitos comprovados a partir de experiências efetuadas no próprio homem, baseando-se no uso empírico das plantas, seguido de avaliações dos sintomas e sinais surgidos na sequência. Este método, baseado em tentativas e erros, permitiu a seleção de plantas utilizadas até hoje na medicina tradicional, embasando várias pesquisas científicas cujos resultados têm validado o uso da maior parte destas espécies.

Não obstante, ao que o autor registra na passagem acima, percebemos que ainda há muito dúvida sobre o uso desses recursos. Assim, consideramos que a mídia cumpre papel importante ao esclarecer as pessoas sobre esse assunto. Com isso, a cada dia é maior a procura por um estilo de vida mais saudável. Com essa perspectiva, o Ministério da Saúde brasileiro criou no ano de 2006:

[...]a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, aprovada por meio do Decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006, estabelece diretrizes e linhas prioritárias para o desenvolvimento de ações pelos diversos parceiros em torno de objetivos comuns voltados à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos em nosso país, ao desenvolvimento de tecnologias e inovações, assim como ao fortalecimento das cadeias e dos arranjos produtivos, ao uso sustentável da biodiversidade brasileira e ao desenvolvimento do Complexo Produtivo da Saúde (BRASIL, 2006, p. 10).

A crença popular no poder de cura das plantas medicinais faz muitas pessoas cultivarem em casa essas plantas em pequenas hortas. Isso é tão forte entre as pessoas que, em algumas regiões do Brasil, elas aproveitam até pequenos espaços públicos abandonados para o cultivo, onde a maior quantidade de pessoas pode ter acesso, transformando o local em “horta comunitária”. Nessas situações, todos que fazem uso da horta oferecem um pouco do seu tempo para cuidar e cultivar as plantas, tornando a tradição ainda mais viva e presente na vida das pessoas.

A tradição cultural em relação ao uso das plantas medicinais proporciona a melhoria na qualidade de vida dessas pessoas, além do contato com a terra e a difusão de informações sobre alimentação, saúde e meio ambiente. Oferece, ainda, com essa prática, a reflexão sobre o cultivo e consumo saudável das plantas, além de possibilitar integração e protagonismo da comunidade ao redor do espaço. Segundo Bevilacqua (2010, p. 100), “A horta medicinal comunitária é um recurso importante para a saúde e sustentabilidade do meio ambiente urbano. Ela representa um local onde se consegue manter a diversidade de plantas, constituindo um banco vivo de espécies a que a comunidade pode ter acesso”.

Todos esses benefícios são proporcionados especificamente por uma das tradições culturais que há milhares de anos vem sendo explorada e difundida por vários tipos de comunidades, tanto científica como popular, de maneira integrativa, produtiva e intergeracional em todo o mundo. Nessa linha de raciocínio, temos uma vantagem, pois temos a “[...] maior biodiversidade do planeta que, associada a uma rica diversidade étnica e cultural que detém um valioso conhecimento tradicional associado ao uso de plantas medicinais, tem o potencial necessário para desenvolvimento de pesquisas com resultados em

tecnologias e terapêuticas apropriadas” (BRASIL, 2006, p. 9). O mesmo autor continua dizendo que:

Embora a medicina moderna esteja bem desenvolvida na maior parte do mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária, tendo em vista que 80% dessa população utilizam práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde e 85% destes utilizam plantas ou preparações destas (BRASIL, 2006, p. 9).

Os preparos convencionais com essas plantas exigem prática manual rigorosa para qualidade e eficácia, dependendo dos fins que ela será utilizada. De acordo com Bevilacqua (2010, p.101), “Todo esforço despendido no cultivo das plantas pode ser perdido quando não se dá a devida atenção às etapas de colheita, beneficiamento e armazenagem”. Isso acontece em função dos princípios ativos que a planta ou erva possui. Os fatores climáticos, ambientais e genéticos influenciam na qualidade e eficácia da planta, portanto se essa não for manipulada corretamente, poderá não oferecer os efeitos esperados. Assim, a manipulação deve ser feita com rigoroso controle desde o momento da sua coleta até a produção do medicamento que leva seu princípio ativo. Fatores como a identificação e a época de colheita, a parte da planta que será usada no processo, armazenamento, secagem e estocagem, corretos, além da dosagem específica, para o tratamento de uma enfermidade ou mesmo consumo alimentício, devem ser levados em consideração no controle da matéria-prima. Segundo Arnous *et al* (2005, p.2), “O aproveitamento adequado dos princípios ativos de uma planta exige o preparo correto, ou seja, para cada parte a ser usada, grupo de princípio ativo a ser extraído ou doença a ser tratada, existe forma de preparo e uso mais adequados”.

As práticas que envolvem plantas medicinais fazem parte da história dos povos, assim como da própria história da humanidade. Segundo Hidalgo (2010, p. 22), “As plantas constituem-se em fonte básica de alimentação, abrigo, combustível, medicamento e utensílios gerais para quase todos os povos, se não para todos”. Isso só é possível graças as culturas e as trocas delas entre as pessoas.

As transformações que aconteceram no mundo só foram possíveis devido a estas intensas e diversificadas interações humanas. A mistura de raças e línguas fez surgir novas culturas e tradições que continuam sendo passadas entre as gerações à medida que a humanidade se desenvolve.

3.1 O SABER POPULAR /SABER DA TRADIÇÃO NA ETNOBOTÂNICA

Os avanços científicos e as mudanças tecnológicas que aconteceram ao longo dos anos não foram suficientes para eliminar as crenças e os saberes populares que perduram e são passados entre as gerações. As crenças fazem parte dos processos evolutivos e dos mistérios que circundam a história da humanidade. Até hoje esses saberes e crenças permanecem fervorosamente em muitos povos que ainda conservam ritos de tradição, como os indígenas, os africanos e outros, que adotam suas religiosidades, e utilizam em rituais as plantas medicinais, os saberes populares etnobotânicos que são pautados nas experiências empíricas que foram vivenciadas e avaliadas de acordo com os seus resultados (BARBOSA *et al.*, 2004).

Os saberes populares foram sendo construídos a partir do momento em que o homem passou a expressar uma compreensão da realidade. Desde os primórdios da humanidade, a forma de o homem compreender a realidade foi construída espontaneamente, de acordo com as suas necessidades. Os saberes populares possuem um caráter de anonimato, por não apresentar explicações sobre sua autoria. Trata-se de herança de conhecimentos baseada nas experimentações empíricas que foram transmitidas a diversas camadas sociais de gerações distintas, edificando um patrimônio cultural guiado pelo senso comum, constituindo assim a sabedoria popular de vários povos. Dessa feita, as civilizações sobreviveram com base em conhecimentos práticos e tradições que foram sendo acumulados, ao longo dos séculos, sem uma base científica (OLIVEIRA, 2015).

Os saberes populares foram evoluindo por meio de comprovações e fatos, e da aceitação da comunidade científica, que parte para elaborar seus experimentos e explicar novos fenômenos, apresentando novas conclusões a partir de novos conceitos e formas de compreender a ciência, a fim de viver melhor no mundo (OLIVEIRA, 2015). A evolução do conhecimento científico e as tecnologias conduziram a humanidade para o consumo do produto industrializado em larga escala, sobretudo em função da propaganda da cura rápida e eficaz. Não obstante, presenciemos atualmente uma retomada aos saberes populares e tradicionais, a partir do entendimento de que eles, em alguns casos, subsidiam os estudos da ciência, possibilitando que ela produza nossos medicamentos e produtos de beleza.

Os saberes tradicionais etnobotânicos estão inseridos nos saberes populares e independem de classe social, porém são as pessoas de poder aquisitivo mais baixo que mais conservam e transmitem os saberes da tradição e que tecem a invenção e reinvenção dos costumes. Elas fazem isso em função de vários motivos: a vivência social e familiar com os

mais velhos, com outras etnias e grupos religiosos e culturais diferentes; além disso, existe ainda o êxodo rural que está presente em muitas cidades brasileiras, fazendo com que a zona urbana tenha contato com pessoas que aprenderam a cultura com as plantas medicinais. (BARBOSA *et al.*, 2004; SANTOS, 2000).

As mudanças políticas, econômicas e sociais, nas duas últimas décadas, exerceram uma grande influência não só na saúde das pessoas, mas também na forma como procuram tratar suas doenças, com a introdução gradativa de medicamentos modernos. No Brasil, apesar do grande bombardeio midiático da indústria farmacêutica para o uso dos medicamentos industrializados, uma grande parcela da população ainda faz uso de plantas medicinais como práticas complementares para a cura de suas doenças (BADKE, *et al.*, 2011). Muitas indústrias que desenvolvem medicamentos tomam como base estudos etnobotânicos que foram desenvolvidos a partir dos saberes populares e tradicionais de sociedades autóctones, que passam a seus descendentes saberes importantes, tornando-se fontes valiosas de informações que são usadas como bases iniciais para a elaboração de estudos farmacológicos e para a fabricação de novos medicamentos. Assim, estudos relacionados com os saberes tradicionais etnobotânicos têm merecido cada vez mais atenção de toda a comunidade científica e acadêmica, considerando a gama de informações e esclarecimentos que os detentores destes saberes possuem. Além disso, fornecem subsídios para recuperar e manter tais conhecimentos que auxiliam substancialmente no uso e manutenção da biodiversidade, promovendo a cultura, uso consciente das espécies bioativas e disponibilizando os saberes etnobotânicos para as futuras gerações (DAVID e PASA, 2013; JUNIOR e VARGA, 2015).

Quando se discute sobre o uso racional de plantas medicinais, percebem-se as relações entre homem e natureza, considera-se de extrema importância o entendimento de como as comunidades e povos de culturas tradicionais percebem o meio ao seu redor e explora-se o ambiente possibilitando diferentes formas de manejo no seu cotidiano, usufruindo da exploração como meio de sustento em harmonia com a natureza. É com os seus saberes populares que o homem interage com a natureza. Saberes que não podem ser desconsiderados, caso contrário eles se tornam difíceis de serem recuperados (STRACHULSKI E FLORIANI, 2013; JUNIOR E VARGA, 2015). Do mesmo modo, temos que considerar os recursos que a natureza oferece, pois se forem extintos, será muito difícil recuperá-los e não estarão disponíveis para as gerações futuras (GUARIM NETO E MORAIS, 2003).

As tradições populares na etnobotânica representam um importante ponto de encontro entre as permanências e as rupturas culturais estabelecidas desde os primeiros contatos entre os povos e tribos, que foram se consolidando a partir da criação de novas técnicas de uso das

plantas medicinais. Isso ocorreu inicialmente com as observações feitas pelo homem sobre o comportamento de animais que procuravam as plantas para consumi-las. Nessa perspectiva, o homem aprendeu a distinguir as plantas com efeitos tóxicos e aquelas usadas somente para alimentação. Essas observações representaram para o homem uma fonte valiosa de informações sobre as potencialidades dos vegetais (ARAÚJO *et al.*, 2015).

Com a necessidade de os povos e tribos curarem enfermidade, saciarem a fome e condimentarem comidas, surgiram as experimentações, que eram feitas com plantas dos terreiros abertos. Essa prática nem sempre resultava em efeito satisfatório, de maneira que o que fazia bem para alguns, para outros nem tanto; assim, surgiram os chamados remédios do mato. Essas experimentações foram gradativamente aperfeiçoadas à medida que davam bons resultados e eram passadas para os demais. Foi assim que surgiam os princípios de dosagem, riscos e benefícios. Para alguns povos, muitas plantas medicinais têm o poder de cura, para outros, a mesma planta tem poder espiritual, captando a energia ruim que uma doença tem, a partir das crenças sobrenaturais, como no caso das mulheres rezadeiras ou benzedeadas e também das plantas usadas em rituais de sincretismo religioso brasileiro (NETO *et al.*, 2013; SILVA *et al.*, 2014).

Essas práticas populares que envolvem a saúde fortalecem e constroem verdadeiros laços de solidariedade dentro das comunidades culturais tradicionais, envolvendo as pessoas por meio da fé. Isso ocorre, em princípio, com a busca da cura para as enfermidades, e se estendem para as soluções de suas aflições, com um acervo de uso de plantas e outras práticas, como a reza, por exemplo. Tais práticas preservam os saberes que são passados de geração em geração, promovem a valorização e o reconhecimento dos saberes populares, praticados pelas benzedeadas, rezadeiras em locais que, muitas vezes, a medicina científica não alcança (SILVA *et al.*, 2014).

Ao abordarmos os termos “saber popular” e “saber da tradição”, observamos que ambos comportam significações muito semelhantes. Os próprios autores que referenciam nossa pesquisa, às vezes, usam as denominações como sinônimas. No dicionário Aurélio (HOLANDA, 2010), a palavra “tradição” é descrita como: “Ato de transmitir ou entregar; transmissão oral de lendas, fatos, etc. de idade em idade, geração em geração. Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados”. Na interpretação de Silva *et al.* (2015), os saberes populares são “[...] os saberes da comunidade, do cotidiano, do senso comum, que são herdados de gerações em gerações, [...]”. Para Fiorin (2014, p.61), a palavra tradição é considerada como “[...] um conjunto de memórias transmitidas de geração em

geração; herança cultural”. Podemos observar que os autores concordam entre si quando conceituam saberes populares e saberes da tradição. Para Silva (2013), saber popular:

[...] refere-se à forma como os indivíduos constroem a partir das experiências referenciadas pela ordem social e cultural, em busca de explicações que deem sentido aos acontecimentos, inter-relacionados as diferentes dimensões da vida através da integração de aspectos naturais, mágico-religiosos, sócio- políticos (entre outros) a fim de reconstruir continuamente os saberes numa ação reflexiva”. Grifo da fonte.

Na interpretação de Silva e Alves (2011), saber popular “[...]se constrói a partir da experiência sendo vivida, em si mesmo, um meio de conhecimento”. Novamente, observamos nas citações a concordância entre os autores quando se referem aos saberes populares. Com isso, concluímos que os dois termos dialogam entre si no sentido de que ambos estão diretamente ligados com as experiências empíricas vivenciadas entre os povos e que são passadas de geração em geração sempre com a intenção de que os costumes estão ligados às famílias, pertencentes aos povos, como, os indígenas, africanos, etc., e que permaneçam sempre ativos, de maneira a fazer de suas tradições e saberes uma herança cada vez mais fortalecida.

4 A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA COMO FONTE DE ANÁLISE DAS TRADIÇÕES

A principal via de comunicação do homem é a fala. Dessa forma, o ser humano esboça seus pensamentos, sua imaginação, suas crenças e anedotas, suas tradições e os valores que recebeu de seus antepassados. Por meio da fala, o homem transmite os seus saberes, conservando ou modificando-os, e também enriquece a cultura transmitindo o que foi herdado de seus ancestrais. A oralidade é a principal peculiaridade das narrativas orais. Segundo Nogueira e Vegini (2010, p.129), “É através das narrativas orais e escritas que se perpetuam os saberes dos seres humanos. Elas mostram a cultura, a região, a memória, os fatos e os eventos de um determinado povo”. Não existem povos sem suas narrativas orais. Na interpretação de Martins e Silva (2009, p. 79),

A narrativa é o relato de um acontecimento, entendendo-se como tal uma sucessão de fatos interligados por um nexos lógico e nos quais tem participação o homem – ou ente personificado. Dão-lhe fisionomia inconfundível os elementos que se escondem por trás das interrogações de quem – a personagem ou personagens; do que – o enredo, ou seja, o acontecimento em si; de como – o modo como se tecem os fatos; de onde – o lugar ou lugares da ocorrência; de quando – o momento ou momentos em que se passam os fatos; do por que – a causa do acontecimento.

As narrativas fazem parte da cultura do ser humano, constituindo-se como produto de transmissão de conhecimentos e podem se apresentar dentro das tradições culturais como práticas complicadas, ambíguas ou arcaicas. Na interpretação de Rodrigues, (2010, p.10):

As narrativas orais estão sempre presentes na história da humanidade, desde que o homem começou a se comunicar e entender que contando histórias ele tinha o poder de entender, criar, inventar e modificar a realidade a sua volta. As pessoas vivem cercadas de histórias e muitas dessas narrativas auxiliam e fazem parte da identidade individual e do grupo que pertencem. Todo indivíduo carrega um potencial de contador/ouvinte de narrativas.

As narrativas são o resultado da percepção do ser humano sobre experiências dele próprio ou de relatos. É o acúmulo de informações que vai se estruturando de acordo com o que foi ou é vivenciado, e está na memória. Por meio delas, constrói-se a teoria da realidade. Hanke (2003, p.118) classifica as narrativas como sendo “[...] meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas “públicas” ou socialmente conhecidas”. Rodrigues (2010, p.10 - 11) afirma que elas:

Tornam o excepcional compreensível e elas têm a função de compartilhar conhecimentos e experiências, conservar a memória, entreter e persuadir o seu leitor, dependendo do contexto em que está sendo inserida e do objetivo a alcançar. A prática de contar histórias permite que o ser humano pense sobre si mesmo e reflita sobre o mundo.

Elas são um método de recapitular momentos passados e experiências. Para o ouvinte, a história narrada é a porta de entrada para um mundo cultural e imaginado, baseado em crenças, lendas, contos, fatos verídicos, que até hoje fazem parte das características herdadas pelas tradições. Segundo Matos e Senna (2011, p. 97):

[...] a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

As narrativas são atos da linguagem, que transcendem o tempo e o espaço por meio das gerações. Para Hanke (2003, p.121, grifo na fonte), “Por ser uma forma de comunicação cotidiana, a narrativa sempre faz parte de um discurso falado, o que implica uma situação concreta de narrar ‘hic et nunc’, quer dizer, um momento definido, uma situação, circunstâncias espaço-temporais”.

Por não ter uma autoria definida, as narrativas são o resultado de um processo continuado da criação, e suas origens perdem-se em tempos imemoráveis e em meio a outras culturas. As narrativas contam fatos que foram marcantes no tempo, provavelmente realmente ocorridos e trazendo sempre em si um mistério para quem ouve e para quem viveu, sempre causando uma sensação de prazer e expectativa para seus ouvintes. De acordo com Xavier e Silva (2015, p. 719):

[...] quando narramos, olhamos para um passado, com perspectivas de futuro e marcas do presente e, dessa forma, as narrativas, em suas multiplicidades de formas, são vestígios de uma experiência vivida e, por isso, nem nós nem mesmo as pessoas que a vivenciaram poderão retomá-la em sua plenitude.

Ainda sobre a contribuição da narrativa, Dutra (2002, p. 374) afirma que:

O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa.

No início da formação das narrativas, não existia a escrita, ou ela era dominada por uma parcela muito restrita nas diferentes sociedades. Todo conhecimento era transmitido oralmente, sem nenhum apoio de registro escrito ou tecnológico. Segundo Rodrigues (2010, p.13), “[...] na linguagem escrita, geralmente há objetividade e economia nas palavras, já na oralidade usam-se muitas expressões que podem ter sentidos similares ou repetidos para facilitar a compreensão da mensagem”. Essa maneira de transmissão forçava os contadores a cultivar a sua memória para garantir a peculiaridade daquilo que estava sendo narrado, já que cada vez que um fato era contado, ocorriam modificações, fossem elas acrescentadas ou subtraídas, algumas palavras eram substituídas para que o ouvinte pudesse interpretar de forma mais aprofundada a história narrada. Dessa maneira, até hoje, em alguns povos, seus membros se reúnem como uma tradição para trocar experiências, narrar contos e anedotas, falar de receitas, mitos, folclores e lendas. Nessa linha de pensamento, Rodrigues (2010, p.12) considera que “[...] uma sociedade que está ligada à oralidade valoriza a vivência coletiva, pela exterioridade da voz, enquanto que a sociedade que cultua a escrita propicia um maior isolamento pela possibilidade de leitura que, muitas vezes, é solitária”.

Nos tempos antigos, quando a escrita não era dominada, as histórias eram narradas da maneira mais detalhada possível. Isso ocorria por não existir a tecnologia da imagem. Os cenários eram descritos minuciosamente para que a imaginação do ouvinte pudesse chegar mais próximo da realidade da narração, sendo, pois, compreendidos de uma melhor forma. Essa riqueza de detalhes traria implícita a interpretação do narrador sobre esses lugares. As narrativas orais estimulavam o narrador a executar em seus movimentos corporais, sentimentos que imprimiam marcas de autoria à narrativa diluindo as fronteiras entre o imaginado e o real narrado, valorizando a verdade por trás da história. Quanto mais viva fosse sua linguagem, mais força de verdade ela teria. Na interpretação de Dutra (2002, p. 374):

A narrativa tem a capacidade de suscitar, nos seus ouvintes, os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas. Pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador nos sensibiliza, alcança-nos nos significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com a nossa.

Quando percorremos as memórias da história oral, reportamo-nos sempre às civilizações antigas para entendermos melhor as origens associadas aos contos e mitos. As histórias quando narradas pelas pessoas com mais idade, como é o caso dos idosos, nos fornecem subsídios indispensáveis para compreendermos as peculiaridades das tradições culturais e o seu funcionamento na sociedade e seus povos. São os velhos que nos ensinam

aquilo que carregamos para vida, portanto, passamos aquilo que aprendemos com eles para as nossas gerações subsequentes. Segundo Nascimento e Ramos (2011, p. 456), “[...] é preciso ter em mira que, em sociedades outras, muito antigas, onde os costumes, modos de viver, não se contaminaram pela hegemonia do individualismo, o velho é tido como o maior bem social daquele povo”.

Sobre a memória dos velhos, Bosi (2004, p. 74) afirma que ela se constitui em uma possibilidade que possamos deixar como nosso legado cultural.

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, “pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias.

É, pois, por intermédio dos idosos que a diversidade de conhecimentos chega aos mais novos. Em algumas culturas, os netos são deixados com os avós para que as tradições de seu povo sejam passadas para eles, assim como seus pais receberam esses conhecimentos de seus avós na infância. Assim, em várias dessas culturas, as transmissões do conhecimento das tradições são passadas por meio de suas narrativas, que contam suas anedotas e ensinam as faces peculiares do seu povo. Nascimento e Ramos (2011, p. 456) se referem ao velho como “Guardião do tesouro espiritual e das tradições da comunidade, pelo velho uma diversidade de conhecimentos chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória”. Tiepolo (2010, p.10) defende essa prática dizendo que “[...] é essa possibilidade de serem sempre recontadas que garante a permanência das narrativas, num processo de preservação das experiências e acontecimentos (e criação de uma tradição), das formas de ver o mundo das mais diferentes épocas e regiões”.

As tradições quando narradas por idosos se tornam importantes fontes de saberes e conhecimentos, pois são provenientes de uma experiência vivida ou herdadas de seus ancestrais. Essas rememorações de tradições culturais e passado não são, pois, um reviver, mas um refazer que constrói o agora e o futuro a partir de acontecimentos de outrora, que transmitem valores e costumes. Para Lima e Araújo (2015, p. 3):

Assim como a tradição do uso das plantas medicinais é muito antigo, a arte de contar histórias tem seus primeiros registros na antiguidade, quando a partir da fala, reunidos ao redor da fogueira, os povos reproduziam as histórias perpetuadas através do imaginário popular e da memória coletiva de determinada cultura em que estavam inseridos.

No entanto, para que esses idosos se sintam parte importante na comunidade, é necessária a valorização de seus saberes para a tradição e para a formação cidadã dos jovens, já que muitos dos conhecimentos dos mais velhos foram comprovados cientificamente, como é o caso das plantas medicinais. Sobre isso, as autoras acima citadas (2015, p.4) argumentam que:

Falar sobre plantas medicinais torna-se uma ferramenta tão importante para aproximar as gerações na medida em que o mundo moderno distancia cada vez mais as gerações, principalmente através das tecnologias. Instaura-se então um dilema, na medida em que esse saber não quer mais ser ouvido como antes, pois os interesses dos mais jovens estão voltados principalmente para o ambiente virtual ou o círculo de amizades, os quais os idosos muitas vezes não têm acesso.

Nas sociedades mais tradicionais, e mais afastadas dos centros urbanos, como é o caso da comunidade estudada, a principal forma de perpetuar o conhecimento é por meio da fala, que são transmitidas as experiências em várias situações pelos mais velhos. Esses momentos também são usados como formas de entretenimento, tornando-se uma tradição cultural a humanização de um povo em rodas de prosa. Foram esses momentos que propiciaram a admiração pela história narrada, por trazer junto com a performance do narrador os sentimentos e emoções vivenciados, possibilitando aos seus ouvintes uma viagem imaginária no tempo. Segundo Lévy (1993, p. 77), “Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva”.

Nas sociedades onde a escrita não é muito acessível, a transmissão dos conhecimentos é feita na forma de narrativas orais, sempre regadas da tradição do seu povo, com parâmetros peculiares da cultura. Essa prática mantida em muitos lugares faz parte da história dos povos ao redor de todo o mundo, e o mestre que faz a transmissão do conhecimento é sempre o mais velho ou mais experiente daquele povo. Sobre isso, Pinheiro e Martins (2012, p.6) dizem que:

Moradores de comunidades populares, detentores de determinado saber, artifício e técnica, ou mantenedores e contadores das tradições e histórias de outros tempos e antepassados comunicam, transmitem mensagens de outros tempos/lugares, de outras gerações e tornam-se noticiadores, via oral, de fatos e interesses dos agrupamentos urbanos a que se reportam. Estes detentores de saberes e informações são, geralmente, respeitados em suas localidades e gozam de grande consideração social e apreço. Sua presença em festividades e solenidades é, quase sempre, requisitada. São anciãos, cantadores, religiosos, menestréis, foliões partícipes de folguedos e festejos populares, mestres de ofícios e fazeres.

Pessoas como as da comunidade estudada e as citadas pelos autores devem ser consideradas e reconhecidas como agentes comunicadores da tradição e cultura, por serem verdadeiras bibliotecas dos saberes tradicionais da cultura de seu povo. Eles são multiplicadores de conhecimentos, e fazem isso pela forma de narrativas orais de um indivíduo para o outro. Dessa maneira, constroem novos agentes da cultura tradicional, de forma democrática e interativa, pois o ouvinte de agora passa a ser o transmissor do saber tradicional de amanhã, envolvendo a ciência da vida dentro das normas sociais e do contexto da sua realidade, das lendas, mitos contos. Com isso, influencia efetivamente o povo ao qual pertence. Quando Pacheco (2006, p. 41) fala sobre reconhecimento e tradição em seu livro *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*, ela diz que:

Reconhecer a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade de pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente de geração em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes e na religião. Existe um sistema de educação informal, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza preservando e produzindo uma riqueza cultural e identitária no Brasil.

Todo ser humano tem suas crenças e culturas, e elas se tornam vivas cada vez que há uma comunicação com o outro. Podemos considerar que as pessoas com idade acima de sessenta anos e menos escolarizadas têm nas suas culturas uma riqueza de sabedorias populares, com base compactada no senso comum. Quando compreendemos a identidade cultural dessas pessoas, de certa forma, estamos refletindo sobre educação, tradição e cultura, bem como acerca das contribuições que nos influenciam. É cabível lembrarmos que uma grande parcela das pessoas dessa geração não teve talvez oportunidades de conhecimento escolarizado. Isso ocorre devido ao sistema político não ter lhes dado condições, ou em função das condições de vida do seu tempo, que fazia do trabalho uma prioridade.

Partindo desse entendimento, buscamos refletir sobre a maneira como o idoso é tratado e visto pela sociedade atual. Consideramos que ele é tratado com indiferença, o que acarreta prejuízo para a autoestima, e o leva a se fechar em seu próprio mundo de exclusão (FRANÇA, *et al.*, 2010).

5 A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, ESCOLA E CULTURA

A educação e a cultura são construções humanas que precisam ser contextualizadas historicamente, quando consideramos que estão interligadas com as relações de produção e de existência humanas. É de fundamental importância que a educação como prática cultural gere condições educativas que permitam aos alunos receber, construir e reorganizar um mundo existente por meio das suas ideias. A escola educa tanto para a reprodução dos costumes tradicionais, voltados para os papéis sociais estabelecidos, como para a reconstrução desses padrões. A escola existe, portanto, para transformar positivamente a vida das pessoas, atuando diretamente nas gerações futuras. Dessa maneira, a cultura é transmitida pela educação, além de ser conservada e transformada, e a escola passa a se constituir em um espaço destinado para a produção e criação da cultura. A sua função é a de elaborar situações que proporcionem reflexões aos seus alunos, para que eles possam entender além do que foi estabelecido pela sociedade. A função da escola é então estimular o crescimento intelectual e o desenvolvimento cultural das pessoas, e é através do processo de educação que se abrem caminhos para a promoção da cultura (DUARTE *et al.*, 2013).

A escola é um espaço privilegiado para a produção e apropriação do conhecimento, porém ela não é o único com essa característica na sociedade. As tecnologias atualmente têm relevado um papel facilitador para aproximar a escola, educação e cultura, além dos equipamentos e projetos culturais organizados e conduzidos por órgãos não governamentais, e os espaços voltados especificamente para a cultura, que podem ser usados pela comunidade escolar para mediar o conhecimento e interligar educação e cultura. Além disso, a aliança entre esses meios possibilita um impacto positivo para o ensino e aprendizagem da comunidade escolar, tornando-se evidente o valor que o conhecimento adquirido na escola tem na produção da cultura por meio da educação (GODOY e CARVALHO, 2007).

A educação deve ter o papel central no uso dessa tecnologia e não estar sujeita a ela. A tecnologia deve ser usada apenas como instrumento de auxílio para o educador. O professor deve ter a consciência de que essas ferramentas servem para dinamizar o ensino e aprendizagem. Elas são indispensáveis para a comunicação, uma vez que promovem a conexão com a interculturalidade, bem como saberes e reflexões sobre o lugar em que o indivíduo está inserido. Estas estratégias de ensino podem ser usadas em datas comemorativas anuais, que celebram a cultura dos povos, como indígenas, a cultura nordestina e danças típicas (DUARTE *et al.*, 2013).

A cultura deve ser considerada como um agente corporativo na educação, pois ela possibilita a socialização das pessoas, e as prepara para o desempenho de seus papéis sociais, desenvolvendo suas formas de pensar ou agir, ajudando-as a terem a sua própria visão de mundo, fruto da cultura na qual ela está interligada. Bhabha (1998, p.27, grifo na fonte) defende a abordagem da cultura em seu livro *O local da cultura*, dizendo que:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradição cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente.

Incorporar na sala de aula atividades artísticas que estimulem habilidade nos alunos, como música, teatro e dança, é uma maneira de fazer um elo entre cultura, educação e escola. A cultura está, pois, presente em todas estas modalidades da arte. Além disso, a escola e seus professores devem elaborar atividades que possam reunir os alunos com um único objetivo: a busca pela cultura na leitura. Tais atividades visam promover eventos que estimulem a reflexão na leitura, eventos estes como um sarau literário, gincanas, visitas a museus, e outros espaços que circundam a cultura. Estas atividades permitem aos alunos o desenvolvimento intelectual e pessoal, além de ampliarem sua visão de mundo, melhorando a sua autoestima, aproximando as suas famílias da escola, promovendo a integração entre eles, acrescentando mais conhecimento ao currículo da escola e abrindo horizontes maiores de ensino e aprendizagem (DUARTE *et al.*, 2013).

A participação da família com a escola funciona como uma ação complementar, continuando em casa o que foi processado na escola no que se diz respeito à educação. Essa interação contribui para a transformação, atribuindo valores como respeito, solidariedade e gentileza. Os alunos são emancipados quando existe uma contribuição da família dentro da escola e fora dela. Moreira *et al.* (2013, p. 1) falam sobre a importância da participação da família na escola dizendo que:

A participação da família consanguínea e da família constituída na vida escolar dos alunos, principalmente nos anos iniciais, base de uma educação futura, é de sumária importância para que se possa obter uma melhor atuação no processo de ensino aprendido. Dessa forma, é importante que a família sempre esteja em interação com a escola, pois esta, sozinha, não consegue assumir a função de educar e ensinar.

A família em seu contexto deve promover um ambiente favorável à educação e cultura, inserido em seus momentos de lazer, atividades, como a de assistir a peças teatrais e

filmes. Estes entretenimentos desenvolvem o senso crítico, a capacidade de criação e reflexão dos alunos, tornando-os agentes intermediários, entre a família, escola e a educação por meio da cultura (FILHO, 2000; DUARTE *et al.*, 2013).

Voltando a falar da cultura, quando a abordamos, referimo-nos a ela como sendo um termo utilizado para fazer significações de saberes, por ser algo que está relacionado com a história de cada ser humano, dentro de sua etnia, religião ou povo. Cada um de nós tem na teoria de nossa crença, a história do surgimento, existência e permanência do ser humano na terra. Na interpretação de Santos e Castro (2012, p.72), a cultura é considerada:

[...] um estilo de vida próprio, um modo particular de vida que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas. Todavia, esse é um conceito amplo de cultura, não tendo como principal objetivo a organização em si, mas toda a sociedade e os sujeitos que a compõem. Uma vez que a cultura de um povo pode ser definida como um padrão de pressupostos básicos aprendidos para a resolução de problemas de adaptação externa e integração interna, o termo cultura pode ser concebido, em linhas gerais, como tudo o que se refere a valores, condutas, conhecimentos e saberes que permitem aos homens orientar e explicar seu modo de sentir e atuar no mundo.

Povos como os indígenas ainda permanecem com seus valores, condutas, conhecimentos e saberes vivamente ativos, transmitindo suas culturas para as novas gerações, e isso envolve também os seus costumes, hábitos, erudições, religiosidades e crenças, Pode-se dizer que a cultura pode ser compreendida como algo que foi herdado, como patrimônio intelectual e espiritual, e proporciona ao indivíduo uma identidade própria, possibilitando a distinção e diferenciação de cada povo no que diz respeito às suas peculiaridades. Neste sentido, podemos entender que a cultura é o conteúdo substancial da educação, e que uma fortalece ou depende da outra (SANTOS e CASTRO, 2012).

O grande desafio da educação, na compressão de Carrara *et al.* (2010), é a formação de pessoas que possam se articular por meio de diferentes costumes e saberes, entendendo e assumindo posturas sociais, éticas e políticas. A educação torna-se um grande desafio quando tem que propiciar situações de aprendizagem que inter-relacionem saberes e costumes tradicionais de diferentes produções de cultura. Com base nesse entendimento, promover manifestações culturais em lugares como a escola estimula os alunos a se relacionarem com o mundo de maneira diferente, fazendo-os conhecer as histórias de outros povos, viajando e vivenciando outros universos, possibilitando a criação de novas ideias e, assim, experimentando novas sensações que antes eram desconhecidas. Carrara et al (2010, p. 11) defendem que:

Colocar em contato “aprendentes” de diferentes regiões, idades, gêneros e origens étnicas, estimulando a troca de saberes e experiências e propiciando o reconhecimento e a valorização das diferenças e semelhanças culturais existentes, é uma tarefa fundamental para se promover conhecimentos significativos e o fortalecimento de vínculos essenciais à cidadania.

Diante do exposto, abrir as portas da escola para o diálogo com outras formas de conhecimento e saberes proporciona uma aproximação e uma troca intercultural, sendo uma oportunidade de se refletir sobre o papel da escola na sociedade. Nunes (2011, p.117) discute sobre a escola dizendo que:

[...] é um espaço carregado de diferentes formas e simbolismos culturais marcados pela diversidade de pessoas que ali convivem. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre as práticas educacionais que são desenvolvidas no seu interior, de forma que estas busquem trabalhar com as diferenças existentes e com as relações de identificação e diferenciação que ocorrem não apenas em seu interior, mas que se estendem externamente, refletindo diretamente nas práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos em suas relações cotidianas.

Com base nessa assertiva, fica claro na citação que é de fundamental importância a abordagem na escola de temáticas voltadas para as diferenças culturais, tendo em vista que no contexto social estão presentes diferentes grupos culturais, nos diversos cenários públicos, e muitas das questões que envolvem as diferenças étnicas, diferenças de gênero, orientação sexual, religiosidade, raciais, etc., estão contidas nelas a discriminação e o *bullying*. Estas são problemáticas que geram conflitos e buscam em suas manifestações a justiça e a luta pela igualdade de acessos a direitos, reconhecimento político e cultural (CANDAU, 2012).

Com estas questões, torna-se um desafio tanto para a escola como para os educadores abordar temáticas que falem de culturas que sofrem discriminações ou se coloquem contrárias a outras culturas. Porém, o professor como educador e mediador de conhecimento, de acordo com Silva et al (2012, p. 296), “deve construir no seu cotidiano perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se a congelamento identitário”. A escola e seus educadores devem ter um olhar para as diferenças como oportunidades, e produzirem saberes em níveis diferenciados de aprendizagem, tendo em vista que é na escola que se dá início à formação de cidadãos críticos, atuantes e conscientes. Este desafio exige que a escola ultrapasse seus conteúdos e inove seus currículos. O trabalho de educação precisa agir de forma interdisciplinar para que a aprendizagem seja coerente, oferecendo uma prática pedagógica que esteja voltada para a realidade social de cada aluno. Para Candau (2012, p.237):

[...] se quisermos potencializar os processos de aprendizagem escolar na perspectiva da garantia a todos/as do direito à educação, teremos de afirmar a urgência de se trabalhar as questões relativas ao reconhecimento e à valorização das diferenças culturais nos contextos escolares.

Nesse sentido, as estratégias pedagógicas de aprendizagem que abordam a cultura na escola devem valorizar também as características de cada um, sem perder o contexto interativo, sem rotular, ou desrespeitar, mas garantindo a cada aluno o direito de uma educação que valorize seus desejos e reações, sejam elas de ordem social, econômica ou cultural (HOFFMANN, 2005). Cada ser humano tem sua história única e particular, formada por seus valores sociais e culturais.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de plantas como remédios caseiros se constitui como prática na tradição familiar. Desde os primórdios da existência humana, as plantas são utilizadas para a cura de doenças. No passado, as tribos indígenas e povos de várias etnias usavam as plantas como principal meio terapêutico para cura e tratamento de suas afecções. A partir do conhecimento dessas populações é que a ciência foi motivada a estudar as plantas e elaborar os medicamentos que até hoje são usados na medicina moderna. Não obstante, ainda há muito a ser estudado, porém acreditamos que ainda faltam incentivo e interesse das empresas privadas farmacêuticas e do governo para a exploração de novas espécies (TUPIASSÚ; CARDOSO, 2010).

No Brasil, há uma diversidade muito grande de plantas medicinais, sobretudo na região amazônica, com uma possibilidade de custo-benefício bem menor para a população, promovendo saúde a partir de plantas produzidas no local. No Brasil, existem valores, concepções, opiniões, peculiaridades e diversidades, conhecimentos, práticas e técnicas diferentes, que necessitam ser exploradas, incorporadas e respeitadas no cotidiano, influenciadas diretamente pelos hábitos, tradições e costumes (ARNOUS *et al.*, 2005).

No estudo conduzido com um grupo de 8 (oito) alunos da EJA, com idades entre 38 e 78 anos e gêneros distintos (2 homens e 6 mulheres), sendo 4 alunos do 9º ano, 2 do 8º ano e 1 do 4º ano e 1 do 7º ano, a pergunta que deu início a condução da entrevista foi se eles conheciam plantas medicinais. Todos disseram conhecer e utilizar plantas e ervas que fazem parte da medicina popular. A pergunta realizada foi para dar início, de forma mais espontânea, à entrevista a fim de que os alunos se sentissem mais à vontade para conversar com o pesquisador, e contar sobre seus conhecimentos e experiências com as plantas medicinais. Deixar o entrevistado mais à vontade promove uma proximidade maior com o pesquisador e permite que assuntos mais complexos e delicados possam fazer parte do processo da entrevista. Quanto menos estrutura tiver a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes, contribuindo com a coleta dos dados na pesquisa e fazendo surgir questões inesperadas ao pesquisador, as quais poderão ser de grande utilidade na pesquisa (BONI; QUARESMA, 2005).

Por ser um país com uma diversidade biológica, e com uma grande miscigenação, o Brasil possui uma cultura diversa que envolve saberes que enaltecem seus valores. Estes saberes são apoderados pelos vários grupos étnicos, com culturas, valores e cultos religiosos diferentes. Considerando essa característica brasileira, na entrevista com os alunos da EJA,

perguntamos quais são as suas raízes étnicas, apresentando como alternativas a indígena, africana ou europeia. Seis dos alunos responderam que possuem raízes indígenas, um afirmou que tem origem africana, e outro aluno não soube responder.

As pessoas, como os alunos da EJA, que fazem uso de plantas medicinais, normalmente estão alocadas em áreas rurais onde há maior dificuldade de locomoção, e o acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) é quase uma tarefa árdua, como é o caso do grupo estudado nesta pesquisa. A cultura do povo também influencia na preferência por utilizar os recursos naturais para a cura de enfermidades. Naturalmente, os membros mais velhos de uma comunidade detêm um conhecimento mais aprofundado sobre técnicas terapêuticas naturais, tornando-se respeitados e admirados pelo seu conhecimento (MINAYO, 2002).

Diante do conhecimento que os mais velhos possuem sobre plantas medicinais, perguntamos aos alunos da EJA se eles transmitem aos seus filhos os saberes relacionados ao uso das mesmas. Em resposta, três deles afirmaram que fazem isso, outros cinco disseram que não fazem devido à falta de tempo e de interesse dos seus filhos. Isso fica evidente na fala de um dos entrevistados: “[...] eu num ensino porque eu não tenho tempo e ele travaia, e também essir menino de hoje não sai do telefone” (MARIA).

Um estudo bibliográfico feito por Mendieta et al (2014) revelou dados parecidos com os da nossa pesquisa. O estudo teve como objetivo analisar a transmissão de conhecimento sobre plantas medicinais no contexto familiar. O estudo revelou que a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais ainda permanece presente no contexto familiar, independentemente de estar presente na região rural ou urbana, e ainda revela que a mulher é a principal detentora desse conhecimento devido ao papel que ela exerce dentro da família. O estudo também concluiu que apesar de esse conhecimento estar presente, o mesmo está se perdendo com o passar das gerações. Os fatores que influenciaram nesta perda, segundo o estudo, são: o ingresso precoce dos filhos no mercado de trabalho; a migração aos grandes centros urbanos; falta de interesse dos jovens em aprender sobre as plantas medicinais, frente à facilidade de aquisição de medicamentos industrializados.

As experimentações caseiras de plantas com o poder de cura ou alívio de alguma enfermidade resultaram na elaboração inconsequente ou desordenada de uma verdadeira farmacopeia popular, e a transmissão desse conhecimento é feita pela tradição da oralidade (HIDALGO, 2010). O estudo da autora, citado anteriormente, também aponta os meios de comunicação como “rivais” da oralidade na transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais (MENDIETA *et al.*, 2014).

Voltando aos nossos entrevistados, quando perguntados sobre quanto tempo fazem uso das plantas, três deles não souberam responder com exatidão, relatando apenas que “há muito tempo” aprenderam a usá-las. Os relatos dos alunos nos mostram as suas dificuldades em delimitar o tempo que fazem uso de plantas medicinais. Isso mostra que o uso dessas plantas é tão antigo que a memória deles, em alguns aspectos, se perdeu no tempo devido à prática ter se tornado um costume. Os outros cinco alunos recordaram em suas falas que desde criança fazem uso frequente dessas plantas e ervas medicinais. Uma das alunas entrevistadas respondeu que: “[...] derna deu criança que eu via minhas irmã faze ai eu fazia também né, quando me formei de moça ai comecei a faze, comecei a faze pur meus fio, pra mim[...]” (MARIA).

A expressão de suas falas nos faz perceber a busca pelos fiapos de lembrança dos momentos pessoais vivenciados em família na prática com as plantas. O grupo de alunos estudados concorda com as suas respostas quando se trata do tempo de uso dessas plantas, visto que todos eles se entregaram à rememoração dos fatos. De acordo com Bueno (2008), ouvir os depoimentos nos faz constatar que os sujeitos possuem a própria arte de desenvolver a memória ao não se lembrarem de alguns fatos, mas evocam da voz e dizem novamente o conteúdo de suas experiências vividas. Dessa forma, a memória e a sua conservação vêm à tona nos relatos; a melodia do passado sendo interpretada pelo presente.

As respostas dos alunos também nos mostram a importância da proximidade da família com as suas crianças para que os valores culturais e tradicionais da família sejam repassados e preservados, além da importância do respeito aos membros mais velhos. Quando existe interação entre os velhos e as crianças, a solidariedade nasce presente nas relações intergeracionais, estando diretamente relacionada ao contexto social, por meio de um componente moral, quebrando preconceitos sociais que rodeiam o envelhecimento e melhorando a qualidade de vida de ambas as partes relacionadas, jovens e velhos, com ganhos de valores e princípios éticos e trocas de conhecimentos habituais da vida, como saúde, educação e cidadania.

A convivência com os mais velhos faz com que as pessoas se fortaleçam e se preparem melhor para a vida, o conhecimento bem como o uso das plantas medicinais que os alunos possuem foram adquiridos pelos membros mais velhos de suas famílias. Tais conhecimentos e técnicas de uso, eles usam até hoje, pois fazem parte dos hábitos culturais de suas famílias, quando há a necessidade com alguma enfermidade (GVOZD e DELLAROZA, 2012). Sobre isso, um dos alunos assim se manifestou: “[...] eu cunheço há um bom tempo já

né, essas pranta agente cunheçe, já vem dos nosso avós, nossa mãe, que ensina sempre agente a tomar em casa né [...]” (JOAQUIM).

Quanto à origem dos seus conhecimentos sobre plantas medicinais, os alunos afirmaram que: aprenderam com a mãe (três deles); que aprendeu só com a avó (um); que aprendeu com a irmã mais velha (um); que aprendeu com a mãe e com a avó (dois); e com uma nutricionista por questões de saúde (um). Os alunos relataram também a falta de acesso fácil a medicamentos sintéticos em sua época de criança, usando as plantas e ervas medicinais como principal meio de cura para muitas doenças.

Uma das alunas entrevistadas relata:

[...] aprendi cá minha mãe e cá minha vó também, que ela criou os fio dela, num tinha, nesse tempo não tinha médico, não existia médico, não existia, era munto difici né, então a gente fazia o chá do mato memo e aquele fedorento, como e que se chama, é, que minha mãe lavava a cabeça duir minino com ele, ela fazia o banho e dava banho nas criança, era o como é meu Deus eu esqueci o nome, ai meu Deus abençoa, minha mãe ajuntava, o eucalipi, junto com o mastrui, é o, mastrui, ela jogava dentro de uma panela grande, porque nesse tempo não tinha medico não tinha nada, intão era uma bença né, e outa né [...]. (SELMA)

Em concordância com o relato da colega, outra aluna fala sobre seu conhecimento e dificuldade com os médicos, dizendo que:

[...] ah vem dos meu avós né, que antigamente num se ia munto a médico, ficava doente em casa e se curava com prantas mermo, cultivada no quintal, hoje em dia e que tá medico pa tudo quer coisa, cê tem que ir no médico, mais antigamente era as pranta mermo [...]. (JAILMA)

Porém, o poder de cura das plantas, segundo os alunos entrevistados, é o principal motivo de recorrer a medicamentos fitoterápicos até hoje. Os alunos também foram questionados sobre os efeitos esperados dessas plantas devido às suas crenças na cura com as plantas medicinais. Seis dos alunos disseram que têm o efeito esperado, enquanto que outros dois alunos disseram que isso ocorre às vezes. Uma das falas dos alunos quanto a esta questão chamou atenção quando ele disse que: “[...] às vezes num faz efeito não quando a dor é maior né, ai nos tem que ir ao médico mermo”. (JOSÉ)

A crença das pessoas nas plantas medicinais faz com que os saberes sejam transmitidos de pessoa para outra, principalmente nas camadas menos favorecidas economicamente, como é o caso da comunidade estudada. Com relação à ocupação dos alunos entrevistados na pesquisa e a renda de suas famílias, dois deles disseram ser

aposentados, quatro trabalham na agricultura, um trabalha na construção civil, e uma como costureira. Todos os alunos indicaram uma renda abaixo de dois salários mínimos, informação essa que dá ênfase à característica de baixa renda da comunidade local. Segundo Silva (2012), a taxa de pobreza do município de Bananeiras é de 58,12%, ou seja, mais da metade da população vive em condições precárias. Apesar de a economia da cidade ter crescido nos últimos anos, essa melhora não repercutiu efetivamente na vida deles, ao que parece.

Voltando à entrevista, um fator que nos chamou atenção foi com relação à fala típica deles. Percebemos na linguagem deles uma forma de expressão característica de cultura própria, em que a língua portuguesa aprendida na escola não é exatamente aquela falada. Para Costa (1996, p. 52):

[...] toda língua é um conjunto heterogêneo e diversificado porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e essas experiências se refletirão no comportamento linguístico de seus membros. A variação linguística, portanto, é inerente a toda e qualquer língua viva no mundo. Isso significa que as línguas variam no tempo, nos espaços geográfico e social e também de acordo com a situação em que o falante se encontra.

Ainda na expressão das falas, percebem-se as lembranças sendo retomadas junto ao seu passado. As alunas concordam em seus discursos quando falam sobre as dificuldades para se ter acesso aos médicos na sua época de juventude. Podemos perceber que o uso de plantas medicinais se tornou uma alternativa necessária para a cura das suas enfermidades. A dificuldade de a população rural acessar os serviços de saúde resume-me ao fato de que até hoje esses serviços se localizam em zonas urbanas. O uso dessas plantas representa uma alternativa necessária diante da realidade da dificuldade de acesso à assistência médica e medicamentos (RICARDO, 2011). Outra curiosidade na fala dos alunos, além de terem aprendido com as pessoas mais velhas de suas famílias, é o fato de terem aprendido com as mulheres, mãe, avó e irmã, valorizando a figura da mulher como mentora e detentora de um saber de cura.

Podemos perceber também na fala dos alunos a forte presença feminina. As mulheres estavam e ainda permanecem presentes como muita força nas tradições. Esse fato, na cultura ocidental, remonta à Idade Média, marcada por um elemento histórico na humanidade, que foi a “caça às bruxas”. Um ato que teve início na Europa no ano 1450 e finalizou por volta do ano de 1750.

Foi um período em que mulheres foram condenadas por serem detentoras de saberes como o poder de cura das plantas medicinais. Essas mulheres eram estereotipadas como

bruxas, por fazerem trabalhos de parto, de rezas, como é o caso das benzedadeiras e curandeiras, além das raizeiras que faziam uso dessas ervas e plantas para cura de enfermidades. Essas mulheres eram pobres e viviam em regiões rurais sem quase nenhum recurso, se não fossem os providos do seu suor na plantação e vendas da sua produção em feiras livres. Eram mulheres viúvas, solteiras, sem marido ou pai, que eram rejeitadas pela sociedade por terem alguma deficiência física, por serem vistas como feias, e por despertarem algum interesse e desejo sexual em padres e homens casados. Por não terem acesso fácil aos médicos, a classe pobre era a que mais dependia e procurava essas mulheres, que para eles era a única opção de atendimento de saúde (ANGELIN, 2005).

Os seus conhecimentos eram passados para suas filhas, irmãs, amigas e até mesmo vizinhas que tinham a mesma necessidade econômica social. Essas mulheres obtinham um conhecimento na época desconhecido pela ciência e pela igreja, que as acusavam de terem pactos demoníacos. Devido à sua sensibilidade, fraqueza mental e física, elas tinham relações sexuais com demônios. Por isso, elas eram precursoras desses conhecimentos. Muitas dessas mulheres morreram devido a essa perseguição feita pela Igreja Católica, a protestante, os homens e até mesmo o Estado, dominado por eles. O primeiro ataque a essas mulheres aconteceu no século XV, entre os anos de 1450 e 1520, aproximadamente. A obsessão pela “caça às bruxas” foi fomentada pelos membros líderes esclarecidos da igreja, como papas, monges e padres (TOSSI, 1997).

O reconhecimento do papel da mulher na sociedade foi sendo imposto no decorrer da história da humanidade. Segundo Maders e Angelin (2012, p.17), “A relação de parceria que existia entre os homens e mulheres em determinadas épocas e lugares transformou-se em uma relação de desigualdade e opressão”. Ainda segundo as autoras, estas diferenças de gênero se tornaram intensas com o desenvolvimento do capitalismo, encarregando as mulheres de realizarem trabalhos domésticos, de cuidados de crianças e idosos e servirem aos seus maridos. Já que este trabalho era considerado não produtivo, ele era destinado às mulheres; assim, os homens não necessitavam pagar pelos serviços.

Dentro do contexto familiar de hoje, a mulher ainda representa a manutenção dos vínculos afetivos, dos relacionamentos e das tradições. Biologicamente, a mulher tem o papel de alimentar e de cuidar. Dentro do modelo de família, a mulher ainda vive sob a rígida severidade de princípios. Apesar de esse padrão estabelecido pelas sociedades antigas estar se modificando de forma lenta e progressiva, ainda existem, hoje na sociedade, marcas da estrutura tradicional, sendo da mulher o papel da saúde culturalmente estabelecido. Nesse contexto, desde criança é dado a ela conhecimentos básicos caseiros que dominam o

repertório das práticas de cuidados da casa e da família, que vão passando de geração a geração, sendo a mulher uma referência no cuidado familiar e da comunidade como um todo (LIMA *et al.*, 2014).

Ainda na entrevista, foi perguntado aos alunos sobre as plantas de seu uso e a finalidade. No que tange ao poder das propriedades curativas das plantas medicinais, todos os alunos citaram mais de duas plantas e ervas de seu consumo. Na maioria dessas citadas, as partes das plantas que são utilizadas são as folhas, seguidas das raízes e flores, e sendo o chá a forma mais consumida. Os alunos citaram 9 (nove) plantas que usam para o tratamento de inflamações uterinas, as quais são: 1) capim-santo ou capim-limão, usando sua raiz para fazer o chá; 2) a babosa, a parte interna da sua folha, é a mais consumida com água; 3) da aroeira, usa-se a sua casca para chá; 4) a hortelã da folha miúda, como foi chamado pelos alunos, sua folha é usada para chás; 5) a pitanga que, apesar de ser uma fruta, a raiz de sua planta é consumida em forma de chá; 6) o cajueiro azedo, que segundo citado pela aluna, a árvore dá o fruto (caju) de sabor azedo, sua casca é usada pra fazer chá; 7) a ameixa-brava também foi citada pelos alunos, apesar de ser uma fruta comum em regiões litorâneas, os alunos conseguem comprar a casca da árvore dessa fruta, em feiras livres para serem usadas em chás; 8) a corama e a 9) urtiga-branca foram lembradas pelos alunos ainda para problemas de inflamações uterinas, sendo utilizada a folha da corama, e da urtiga branca, sua raiz; ambas para fabricação do chá. Os alunos relataram que usam três ou mais das plantas citadas para fazer uma “garrafada”, passando no liquidificador as plantas com água e açúcar mascavo ou até mesmo mel de abelha, na falta do açúcar. Assim, eles coam e tomam em jejum a “garrafada”, como é chamada. É uma espécie de suco de ervas medicinais, indicado pelos entrevistados, como sendo um excelente remédio para problemas inflamatórios uterinos.

A erva-cidreira foi a planta mais citada, pois dos 8 alunos entrevistados, 7 alunos falaram de suas propriedades. O chá da folha da planta é usado no tratamento de dores abdominais provenientes da má digestão e prisão de ventre, e ainda relataram uma curiosidade sobre a planta: na falta do café em casa, a planta é usada para substituí-lo. Os alunos também se lembraram de mais duas plantas que usam na substituição do café, que são a erva-doce, e o capim-santo. A primeira é usada no tratamento de insônia, bem como calmante; já o capim-santo é usado no tratamento de tonturas provenientes da hipertensão. É importante ressaltar que uma mesma planta é explorada para vários fins, tanto no tratamento de enfermidades quanto como complemento de um alimento. A exemplo, temos a pitanga que também foi citada para o tratamento de dores abdominais.

A babosa e o cajueiro azedo foram lembrados pelos alunos para o tratamento e cicatrização de feridas abertas. O chá da casca do cajueiro é usado para lavar a área lesionada, e a parte interna da folha da babosa é usada como pomada. Foi relatado que o uso do alecrim é para dores estomacais. No caso de problemas de gastrite, é feito o chá da sua folha, além de ser usado também em enfermidades relacionadas ao coração. A hortelã-da-folha-grossa é usada na fabricação de mel para o tratamento de tosses e secreções no peito; o chá da hortelã-da-folha-miúda, por sua vez, é usado no tratamento de verminoses, também como expectorante e para sucos com frutas. Os alunos citaram mais duas plantas: o eucalipto e o mastruço, ambas muito conhecidas tanto na área rural como na urbana. Os seus chás são usados para o banho, e a fumaça que sai da panela quente é inalada enquanto estiver presente a enfermidade.

O boldo-do-chile, conhecido pelos alunos, é uma planta aromática originária da Índia e trazida para o Brasil há muitos séculos. O seu chá é usado para o tratamento de problemas de má digestão. A papeconha é uma planta cuja raiz é usada na fabricação de chá para a prevenção de problemas de saúde em crianças no início da sua dentição. Esses problemas são denominados pelos alunos de “rêma de dente”. Para o tratamento da febre, os alunos recorrem ao chá da flor ou folha do sabugueiro.

Outra planta que também tem a sua flor usada na fabricação de chá é o hibisco, tendo sido relatado por uma das alunas que faz o seu uso para retenção de líquido, bem como o chá verde que é usado esteticamente para emagrecimento; ambos foram recomendados por sua nutricionista.

A camomila também foi lembrada pelo fato de o chá da sua flor ser um remédio caseiro usado como calmante. O manjeriço, além de ter amplo uso na culinária como tempero no preparo de alimentos, como a pizza, também é usado para o tratamento de males que afetam a garganta e a boca, como faringite, amidalite e aftas.

De posse das informações provindas das narrativas da entrevista com os alunos da EJA, da Escola Municipal João Paulo II, localizada no sítio Roma de Cima, no município de Bananeiras/PB, em entrevista de coleta de dados, realizada em 4 de abril de 2016, elaboramos uma tabela (Tabela 1) com a junção do material empírico, declarado pelos alunos, e o científico usados para estudos na pesquisa de campo. Com os nomes populares, em ordem alfabética, seguidos da família na qual pertencem a planta e o seu nome científico, segundo (BRASIL, 2009), o principal uso medicinal, uso alimentar e a forma de uso relatados pelos alunos foram elencados na tabela a seguir.

Tabela 1. Relação das principais plantas utilizadas na medicina popular dos alunos da EJA do distrito Roma, em Bananeiras /PB, (2016).

Nome Popular	Família Botânica	Nome Científico	Uso Medicinal	Uso Alimentar	Parte Usada	Forma de Uso
Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus officianalis</i> L.	Dores estomacais	-----	Folhas e galhos	Chá (Infusão)
Ameixa-brava	Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Anti-inflamatório	-----	Casca	Chá (Infusão)
Babosa	Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i>	Cicatrizant	-----	Parte interna da folha	Baba da folha
Boldo-do-chile	Monimiácea	<i>Peumus boldus</i> Molina	Digestão	-----	Folhas e galhos	Chá (Infusão)
Caju	Anacardiácea	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cicatrizante		Casca do caule	Chá da casca (Infusão)
Camomila	Asteraceae	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Calmanete	-----	Flor	Chá (Infusão)
Capim-santo	Poaceae	<i>Gymbopogon citratus</i> (DC.)	Dores abdominais	Usado na substituição do café	Folha	Chá (Infusão)
Chá-verde	Theaceae	<i>Camellia sinesis</i> L.	Diurético	-----	Folha	Chá da folha seca (Infusão)
Corama	Crassulaceae	<i>Bryophyllum Pinnatum</i>	Anti-inflamatória	-----	Folha	Chá (Infusão)

Erva-cidreira	Choloranthaceae	<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart.	Dores abdominais	Usado na substituição do café	Folhas	Chá (Infusão)
Erva-doce	Apiaceae	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Calmante	Usado na substituição do café	Folhas	Chá (Infusão)
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Herbanthe paniculata</i> Mart.	Expectorante	-----	Folhas e casca do caule	Chá para banho (Infusão)
Hortelã	Lamiaceae	. <i>Mentha verticillata</i> L.	Expectorante	Usado no suco de frutas	Folhas e galhos	Lambedor
Hortelã miúda	Lamiaceae	<i>Mentha crispa</i> L.	Antigripal	-----	Folhas	Chá (Infusão)
Hibisco	Malvaceae	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Retenção de líquido	-----	Flor	Chá (Infusão)
Manjerição	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Infecções na garganta	Usado no preparo de pizza	Folha	Tempero
Mastruço	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Expectorante	-----	Folha	Suco com mel de abelha
Papeconha	Linaceas	<i>Cephaelis ipecacuanha</i>	Dentes	-----	Raiz	Chá (Infusão)
Pitanga	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Dores abdominais	-----	Folha	Chá (Infusão)
Sabugueiro	Adoxaceae	<i>Sambucus</i> spp.	Combate à febre	-----	Folha e Flor	Chá (Infusão)
Urtiga-branca	Urticaceae	<i>Euphorbiaceae cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Infecção urinária	-----	Raiz	Chá (Infusão)

Algumas dessas espécies revelam, presentes em seus extratos, óleos essenciais, flavonoides, taninos, alcaloides, sendo usadas na medicina popular (NEWALL *et al.*, 2002). Das plantas citadas pelos alunos, algumas já se apresentam em indicações científicas terapêuticas, comprovadas em literatura revisada. Nesse contexto, encontram-se: alecrim (*Rosmarinus officianalis* L.), boldo-do-Chile (*Peumus boldus* Molina), camomila (*Matricaria chamomilla* L.), erva-cidreira (*Hedyosmum brasiliense* Mart), e, por último, o mastruço (*Chenopodium ambrosioides* L.).

Quatro das plantas citadas pelos alunos entrevistados estão presentes na Relação Nacional das Plantas Medicinais de Interesse do SUS, publicada em março de 2009 pelo Ministério da Saúde, são elas: babosa (*Aloe vera*), camomila (*Matricaria chamomilla* L.), caju (*Anacardium occidentale* L), e a pitanga (*Eugenia uniflora* L.). Estas plantas são usadas e distribuídas gratuitamente pelo SUS (BRASIL, 2009).

A prática de cultivar plantas medicinais se baseia na relação interpessoal que existe entre homem e natureza. Essa simbiose de conhecimento permite que muitos indivíduos de gerações mais antigas sejam verdadeiros guardiões dos recursos naturais presentes em seus territórios, fazendo o cultivo dessas plantas em seus quintais. Quando questionados sobre o cultivo de plantas medicinais em suas residências, 6 (seis) dos entrevistados disseram que fazem o cultivo dessas plantas em canteiros de parede, em espaço separado, ou até mesmo em jarros de plantas. Citaram, ainda, três a quatro plantas que cultivam em casa. A erva-cidreira (*Hedyosmum brasiliense* Mart.) foi a planta mais citada pelos alunos, seguida da hortelã (*Mentha verticillata* L.), e do alecrim (*Rosmarinus officianalis* L.). Os outros dois alunos revelaram não fazer o cultivo dessas plantas em casa, por falta de espaço. Apesar de residirem em área rural, o espaço ainda é pequeno para tal cultivo, mas mesmo sem disponibilizarem plantas medicinais em casa, o seu uso é frequentemente mantido, porque eles as colhem no quintal de suas mães que costumam cultivar ou compram em feiras livres.

Todos esses dados nos dão subsídio para mostrar que novas pesquisas poderão ser feitas na área das plantas medicinais, aproximando ainda mais o conhecimento empírico do científico, valorizando ainda mais os valores populares e oferecendo à população, como um todo, um acesso seguro, fácil, e eficaz no que tange às propriedades terapêuticas das plantas usadas na medicina popular.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos possibilitou identificar a origem dos saberes sobre o uso e práticas com as plantas medicinais realizados pelos alunos da EJA, de uma escola no interior rural da Paraíba, assim como quais são as plantas medicinais utilizadas por eles em seus problemas de saúde. Constatamos, através desta pesquisa, que o conhecimento dos alunos se deve ao seu histórico familiar, visto que desde a infância a maioria dos alunos entrevistados costuma fazer o uso de tais plantas em sua saúde. Além desse fato, ressalta-se que uma mesma planta pode servir para diversos fins, tanto medicinais como para consumo alimentar. Inclusive na estética, os chás também são usados para auxiliar no emagrecimento. Nota-se com o estudo que o uso das plantas medicinais, no cotidiano dos alunos, é bastante frequente, avaliando-se a intimidade pela qual os alunos relatam suas experiências, fazendo parte da cultura do município, segundo a comunidade investigada.

A precariedade do serviço público prestado à saúde do município é uma das justificativas dos alunos que favorecem a intensidade do uso dessas plantas, além do custo alto dos medicamentos sintéticos que fogem dos padrões da baixa renda da comunidade, dimensionando ainda mais as práticas e uso dos medicamentos caseiros elaborados a partir de extratos destas plantas. A investigação nos mostra que o uso dessas plantas, apesar de fazer parte da herança da história da humanidade, ainda permanece vivo e presente em muitas comunidades. Cada vez mais, estes conhecimentos se entrelaçam através das gerações que reinventam e ressignificam, ao longo dos anos, estes saberes, despertando, dessa forma, o interesse da comunidade científica para essas plantas, levando em consideração que algumas das plantas, citadas pelos alunos da EJA, têm os seus poderes curativos e eficácia fitoterápica comprovados por estudos científicos, sendo até mesmo tais fitoterápicos distribuídos gratuitamente pelos programas de saúde dos serviços públicos.

A figura da mulher ganhou destaque no estudo, na transmissão destes conhecimentos, demonstrando ainda mais que a mulher tem em suas mãos o poder do cuidado com a saúde da família, e que transmitir estes saberes não se resume a uma mera consequência, mas sim a um dever, para que nas gerações futuras esta fonte de cura alternativa possa permanecer viva e valorizada. Pesquisas como esta enfatizam ainda mais a necessidade de estudos mais aprofundados na área das plantas medicinais, contribuindo para a bioprospecção, para que todo cidadão possa ter acesso a medicamentos de baixo custo, e aperfeiçoando ainda mais as técnicas aplicadas de forma segura e eficaz.

REFERÊNCIAS

- ANGELIN, ROSÂNGELA. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá – Paraná. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Ciências sociais. N° 53. Out. 2005. Ano. V. [Internet]. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53angelin.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2016.
- ARGENTA, S. C.; ARGENTA, L. C.; GIACOMELLI, S. R.; CEZAROTTO, V. S. PLANTAS MEDICINAIS: Cultura Popular Versus Ciência. Vivências: **Revista Eletrônica de Extensão da URI**. Vol.7, N.12: p.51-60, Maio/2011. [Internet]. Disponível em: <http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_012/artigos/artigos_vivencias_12/n12_05.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.
- ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNE, R. P. C. Plantas Medicinais de Uso Caseiro - Conhecimento Popular e Interesse por Cultivo Comunitário. **Revista. Espaço para a Saúde**, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, Jun. 2005. [Internet]. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/APS+-+FITOTERAPIA+8.PDF>>. Acesso em: 18 fev. 2016.
- ARAÚJO, C. R. F.; MARIZ, S. R.; COUTINHO, M. S.; COSTA, E. P.; OLIVEIRA, J. O. D.; BÚ, E. A. Tradição Popular do Uso de Plantas Medicinais: ação extensionista sobre crenças, uso, manejo e formas de preparo. **Revista Saúde e Ciência** online, 2015; 4(3): 55-69. [Internet]. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/298-596-1-PB.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2016.
- BARBOSA, M. A.; MELO, M. B.; JÚNIOR R. S. S.; BRASIL, V. V.; MARTINS C. A.; BEZERRA, A. L. Q. SABER POPULAR: sua existência no meio universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF) 2004 nov/dez;57(6):715-9. [Internet] disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n6/a17.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- BAYARD, JEAN-PIERRE. A história das lendas. Tradução: Jeane Marillier. Ed. Ridendo Castigat Mores. 1957. [Internet]. Disponível em: <<http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-historia.asp>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- BADKE, M. R.; BUDÓ, M. L. D.; SILVA, F. M.; RESSEL, L. B. Plantas Medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. **Revista Pesquisa Research – Investigación**. Ed. Esc. Anna Nery (impr.)2011 jan-mar; 15 (1):132-139. [Internet]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n1/19.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Portal da Saúde, 2009, **Plantas medicinais de Interesse do SUS**. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/sus/pdf/marco/ms_relacao_plantas_medicinais_sus_0603.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2016.
- BRASIL, IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidade de Bananeiras. PB. [Internet], disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250150&search=paraiba|bananeiras|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 17 jun. 2016.
- BRASIL, **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência

Farmacêutica. – Brasília. Brasil. Ministério da Saúde, 2006. p. 60 – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BEVILACQUA, Helen E. C. R. 2010, et.al. Divisão Técnica - **Plantas Mediciniais**. Escola Municipal de Jardinagem. Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente –São Paulo, abril 2010, edição 1º, p. 1-248.

BRASILEIRO, B. G.; PIZZIOLLO, V. R.; MATOS, D. S.; GERMANO, A. M.; JAMAL, C. M. Plantas Mediciniais Utilizadas pela População Atendida no "Programa de Saúde da Família", Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira Ciência. Farm.** vol.44 no.4. p.631-635 São Paulo Out./Dez. 2008. [Internet]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-93322008000400009>. Acesso em: 17 fev. 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BHABHA, HOMI K. **O local da Cultura**. Tradução de ÁVILA. M.; REIS. E. L. L.; GONÇALVES. G. R. ed. UFMG. Belo Horizonte. 1998.

BONI, V.; QUARESMA. J.S. Aprendendo a Entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese** (Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC). Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. [Internet]. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

BUENO, F. I. S. A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder**. Universidade Regional Integrada-Campus de Erechim/URI. ST 63 – A escrita do Eu: Ficções e confissões da dor II. Florianópolis de 25 a 28 de ago. de 2008. [Internet]. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2016.

CARRARA, A. R.; CARVALHO, M. do. C. B.; LIMA.T. Cultura e educação na sociedade contemporânea. **Revista Cadernos Cenpec: pesquisa e ação educacional**. v. 5, n. 7 (2010). São Paulo – SP. [Internet] Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/59/74>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

CANDAU, V. M. F. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, Jan/ Mar. 2012. [Internet]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016.

COSTA, V. L.A. A importância da variação linguística. **Revista, Educar em Revista**. Curitiba. Nº12. P. 51 – 60. 1996 Ed. UFPR. [Internet] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n12/n12a05.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

DAVID, M.; PASA M. C. O Saber Popular e as Plantas Mediciniais em Várzea Grande, MT, Brasil. **Revista FLOVET**, Mato Grosso, (UFMT), Nº 5. Dezembro de 2013. [Internet].

Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/viewFile/1531/1204>. Acesso em: 14 dez. 2016.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista, Estudos de Psicologia**, v.7 n°2, p. 371-378, 2002. [Internet] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

DUARTE, C. Z. C. G. WERNECK. V. R. CARDOSO. J. A. R. A relação entre cultura e educação sob o ponto de vista de educadores do ensino fundamental. **Revista Psicologia e Saber Social**, 2(2), 204-216, 2013. [Internet] Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/8794>. Acesso em: 31 ago. 2016.

EAGLEATON, T. *A Idéia de Cultura*. 1943. Tradução; Sandra Castello Branco; Editora UNESP, São Paulo - SP, Brasil. 2005.

FIORIN, J.L. **Língua, Modernidade e Tradição**. Mar. – Set. 2014. [Internet]. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/113869-206426-1-SM.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FILHO, L. M. F. Para Entender a Relação Escola-Família: uma contribuição da história da educação. **Revista São Paulo Perspectiva**. vol.14 no.2 São Paulo Abr./Jun 2000. [Internet] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200007. Acesso em: 01 set. 2016.

FRAXE, T.J.P. **Cultura Cabocla Ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. Editora, ANNABLUME. São Paulo – SP Brasil. 2004.

FRANÇA, L. H. F. P.; SILVA A. M. T. B.; BARRETO. M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, 2010; Vol. 13 n° (3) p. 519-531. [Internet] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v13n3/a17v13n3.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Revista Acta Botânica Brasílica*, Brasília, DF, v. 17, n. 4, p. 561-584, Dez. 2003. [Internet] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062003000400009. Acesso em: 14 dez. 2016.

GODOY. M. G. G.; CARVALHO. M. A. Seguir as Tradições: dilemas da educação escolar entre os Guarani Mbya. **Revista Educação & Linguagem**. Ano 10. n° 15. 250-268, Jan./Jun. 2007. [Internet] Disponível em: www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/165. Acesso em: 31 ago. 2016.

GVOZD, R.; DELLAROZA, M.S.G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Vol. 15. N°2. Rio de Janeiro. 2012. [Internet]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232012000200012. Acesso em: 29 ago. 2016.

HOLANDA, A.B **Dicionário de Língua Portuguesa Aurélio**. 2010. Edt. Positivo.

HIDALGO. A. F. Divisão Técnica - **Plantas Medicinais**. Escola Municipal de jardinagem. Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente –2010, et al. São Paulo, abril 2010, edição 1º, p. 22

HANKE M. Narrativas orais: formas e funções. **Revista Univerciência**, v. 9. nº 0. 2003. p. 117 -126 Minas Gerais. [Internet] Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/viewFile/32/31>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

HOFFMANN. J. **O Jogo Contrário e a Avaliação**. Porto Alegre. Ed. Mediação. 2005.

JÚNIOR, A. J. V.; VARGA, I. A. Aproximações Etnobiológicas no Conhecimento Sobre Plantas Medicinais: possibilidades para promoção do ensino em saúde. **Revista Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.6, n.17, p.162-187, 2015. [Internet] Disponível em: <<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/751/694>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

KOVALSKI, M. L.; FIGUEIREDO; M. C; DALZOTTO, E.; OBARA A. T. Plantas Medicinais:O Diálogo dos Saberes Popular e Científico numa Situação de Estudo no Ensino de Jovens e Adultos. 2010. p.10. [Internet] Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_de_Jovens_e_Adultos/Trabalho/08_20_37_PLANTAS_MEDICINAIS_O_DIALOGO_DOS_SABERES_POPULAR_E_CIENTIFICO_NUMA_SITUACAO_DE_ESTUDO_NO_ENSINO_DE_JOVENS_E_ADULTOS.PDF>. Acesso em: 03 jan. 2016.

LIMA, E. L. M.; ARAÚJO C. R. F. Uma história em busca de quem a escute: Envelhecer Contando Tradição. **Anais CIEH** (2015) – Vol. 2, N.1. p. 1-6 Ed. realize. Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande – PB. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD4_SA8_ID152_02092015122540.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2016.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar**: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 137.

LIMA. A. R. A.; HECK. R. M.; Vasconcelos. M. K. P.; Barbieri. R. L. Ações de Mulheres Agricultoras no Cuidado Familiar: uso de plantas medicinais no sul do Brasil. **Revista Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2014 Abr-Jun; v. 23 nº(2) p. 365-72. [Internet] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt_0104-0707-tce-23-02-00365.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MENDIETA, M.C.; SOUZA, A.D.Z.; VARGAS, N.R.C. et al. Transmissão de Conhecimento sobre Plantas medicinais no contexto familiar: Revisão Integrativa. **REVOL – Revista de Enfermagem – UFPE**. Recife. Vol.8. nº10. p. 3516 – 3524. Out. 2014. [Internet]. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/5930-62981-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MARTINS D. F. V.; SILVA. W. L. M. A narrativa no discurso da tradição das organizações e grupos em Alasdair Macintyre. **Revista Encontros de Vista**. Ed. 3. Jan/jun. 2009. p. 75-86 [Internet] Disponível em: <http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/A_NARRATIVA_NO_DISCURSO_DA_TRADICAO_DAS_ORGANIZACOES_E_GRUPOS_E.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

MATOS. J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: Problemas e Métodos. **Revista História e Rio Grande**, PUCRS. v.2 n.1, p. 95-108, 2011. [Internet] Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/2395-6480-1-PB.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

MOREIRA, A. S.; JESUS. M.; DARIENSO. S. J. A importância da participação da família na vida escolar dos alunos dos anos iniciais, segundo professores da Escola Nilo Procópio Peçanha do Município de Alta Floresta MT. Revista eletrônica REFAF. V. 3. N°1. 2013. Alta Floresta-MT. [Internet]. Disponível em: <<http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/100>>. Acesso em: 11 set. 2016.

MADERS, A.M.; ANGELIN. R. Os movimentos feministas e de mulheres e o combate aos conflitos no Brasil. **Revista Prisma Jurídico**. Vol.11. n°11. Jan-Jun. 2012. P. 13-31. [Internet] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/934/93426128002.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

MINAYO, M.C.S. Antropologia, saúde e envelhecimento. Scielo, Books. Ed. FIOCRUZ.2002. P.209. [Internet]. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

NEWALL, C.A, ANDERSON, L.A, PHILLIPSON, J.D, **Plantas Medicinas: guia para profissional de saúde**. Ed. Premier, 2002.

NUNES. F. G. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 113-129, set./dez. 2011. [Internet] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n3/09.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2016.

NASCIMENTO. L. A.; RAMOS M. M. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. **Revista Crítica Cultural** (Critic), Palhoça, SC, v. 6, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2011. [Internet] Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/viewFile/775/pdf_28>. Acesso em: 09 mar. 2016.

NOGUEIRA V. B.; VEGINI V. Tradição oral e tradição escrita: uma análise textual de narrativa popular da Região Amazônica. **Revista Labirinto** – Ano X, n° 13 – agosto de 2010. p. 120-134 [Internet] Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/922/908>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

NETO, G. B. C.; GERMANO, J. W.; FURTADO, L. G. Saberes da Tradição e Saúde Pública: uma avaliação da Estratégia Saúde da Família em Curuçá/PA. **IV REA/ XIII – Reunião Equatorial de Antropologia/ Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste**. De 04 a 07 de Agosto de 2013. Fortaleza – Ce. [Internet] Disponível em:

<http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/trabalho_001485_1372962496.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2016.

OLIVEIRA, P. S. SABER POPULAR E PERSPECTIVAS PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO. **II CONEDU – Congresso Nacional de Educação**. De 14 a 17 de Outubro de 2015 – Campina Grande – PB. Editora Realize Eventos. [Internet] Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA13_ID2246_11082015091801.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

PISCITELLI, G. A. **TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIA E GÊNERO**: Um comentário metodológico. Rev. Cadernos Pagu. Universidade Estadual de Campinas – PAGU. São Paulo. Brasil. p.150-171. N°1.2005. [Internet] Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

PINHEIRO. J.; MARTINS J. Tradição e oralidade: dos fios da memória à rede das ciberculturas. **Revista Temática**. Ano IX, n. 04. P. 1-16 – Abril/2013. [Internet] Disponível em: <http://www.acaogrio.org.br/wpcontent/uploads/2014/11/tradicao_oralidade_ciberculturas.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, BA: Gráfica Santa Helena, 2006.

RODRIGUES, L.M. Mulheres da Rede Fitovida: ervas medicinais, envelhecimento e associativismo. Reunião Brasileira de Antropologia, Porto seguro – BA. 2007. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. [Internet] Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalhos/GT%2003/mariana%20leal%20rodrigues.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016.

RICARDO, L. M. “O uso de plantas medicinais na medicina popular praticada em assentamentos do MST do estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o SUS”. Ministério da Saúde, FIOCRUZ- Fundação Oswaldo Cruz, Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2011. [Internet] Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/ricardolmm.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

RADOMSKI, M. I. **PLANTAS MEDICINAIS** – Tradição e Ciência, I Semana do Estudante Universitário – 2003. p.1-8 Embrapa Florestas. [Internet] Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/50923/1/Radomski.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

RODRIGUES, L. G. A arte das narrativas orais urbanas: performance, história, memória e ficção. **Revista, LUME** – Repositório Digital. UFRGS. Porto Alegre- RS. Julho de 2010. p. 8-42 [Internet] Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26329/000757457.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

ROSA, C; CÂMARA, G.S; BÉRIA, V.J. Representações e intenção de uso da fitoterapia na atenção básica à saúde. **Revista saúde coletiva** vol. 16. Rio de Janeiro. Jan. 2011. [Internet]

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n1/v16n1a33.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

SANTOS, M. P.; CASTRO, C. B. As Relações Entre Escola e Cultura sob o Olhar da Sociologia da Educação: uma abordagem sistêmica. **Revista Imagens da Educação**, v. 2, n. 3, p. 69-78, 2012. [Internet] Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/18274>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

SILVA, A. M. N.; PRIMÃO, J. C. M.; ALEXANDRE, I. J. Multiculturalismo e Educação: desafios para o educador. **Revista Eventos Pedagógicos**. v.3, n.2, p. 291 - 300, Mai./Jul. 2012. [Internet] Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/707/481>>. Acesso em: 04 set. 2016.

SANTOS, F.S.D. Tradições Populares de Uso de Plantas Medicinais na Amazônia. **Revista Historia, Ciência, Saúde-Manguinhos**. Vol. 6. Suppl. Rio de Janeiro-RJ. 2000. [Internet] Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000500009>. Acesso em: 18 dez. 2016.

SILVA, S. M.C.; ASSIS, M.A.; BOCHNER, R. M.; MIRANDA, M. G.; GARRIDO, R. G.; AVELAR, K. E.S. Plantas Medicinais; tradições e saberes de mulheres de uma comunidade urbana do Rio de Janeiro – RJ, Brasil. **Revista Espacios**, vol. 35. Nº4. 2014. P. 12. [Internet] Disponível em: <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciet/11037/2/mariaparecida_assisetal_IOC_2014.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

STRACHULSKI, J.; FLORIANI N. Conhecimento Popular Sobre Plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de linha criciumal, em cândido de abreu- pr. **Revista Geografar** - Curitiba, v.8, n.1, p.125-153, jun./2013. [Internet] Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/30327-118349-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

SILVA, L. F.; ALVES, F. Compreender as Racionalidades Leigas sobre Saúde e Doença. **Physis. Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. nº 21. Vol. 4. Pag. 1207 – 1229. [Internet] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v21n4/a02v21n4.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

SILVA, S.C.O. Saber Popular na Percepção de Profissionais de Saúde em um Hospital Público de Porto Alegre. **Revista LUME** – Repositório Digital. (UFRGS) 2013. [Internet]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/76070?show=full>> Acesso em: 16 jan. 2017.

SILVA, F.A; LUCA, A, G; AREND, K. Interagindo os Saberes Populares com os Saberes Científicos Através de um Estudo Envolvendo a Fabricação de Pão. **Revista de Estudos e Pesquisa sobre o Ensino Tecnológico**. (IFAM). Nº 1. 2015. [Internet] Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/16-71-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

TUPIASSÚ, A.; CARDOSO. A. J. M. Divisão Técnica - **Plantas Medicinais**. Escola Municipal de jardinagem. Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente –São Paulo, abril 2010, edição 1º, p. 34. p.20.

TOSSI, L. Mulher e Ciência: a Revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. Trabalho apresentado na 26^a. **Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ) **Revista Cadernos Pagu**, n° 10, 1998, p.369-397. [Internet] Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/viewFile/4786705/2352>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L.; **FITOTERAPIA POPULAR: A busca Instrumental Enquanto Prática Terapêutica**, Rev. Texto &Contexto - Enfermagem, Florianópolis, 2006; v.15, n°1, p. 115-21. [Internet] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n1/a14v15n1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

TIEPOLO E. V. Os neoleitores e a leitura de textos literários. **Revista Salto para o Futuro**. Literatura e Neoleitor. Tv Escola. Ano XX boletim 08 – p. 5-36 Julho 2010. Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/10273208-LiteraturaNeoleitor.pdf#page=5>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

VANNUCHI, A. *Cultura Brasileira*, o que se faz. Editora, Edições Loyola, Ed. 4. São Paulo – SP. Brasil. 1999.

XAVIER A. C. M. Z.; SILVA H. Produção e análise de narrativas escritas ou orais: Possibilidades na Investigação sobre Formação de Professores de Matemática. **Revista, Perspectivas da Educação Matemática** – UFMS – v. 8, P. 709-726. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/1467/977>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

Questionário sobre os saberes das plantas medicinais do alunos da EJA.

- 1- VOCÊ CONHECE PLANTAS MEDICINAIS?**
- 2- A QUANTO TEMPO VOCÊ FAZ USO DE PLANTAS MEDICINAIS?**
- 3- AONDE VOCÊ APRENDEU OU QUEM TE ENSINOU SOBRE O USO DESTAS PLANTAS?**
- 4- QUAIS SÃO AS PLANTAS QUE VOCÊ COSTUMA USAR?**
- 5- VOCÊ FAZ O CULTIVO DESTAS PLANTAS EM CASA?**
- 6- PARA QUE FINS VOCÊ COSTUMA USAR?**
- 7- QUAIS SÃO AS RAIZES ÉTNICAS DE SUA FAMÍLIA?**
 - ✓ INDÍGENA
 - ✓ AFRO
 - ✓ OUTRA
- 8- VOCÊ ENSINA SOBRE SEUS SABERES DE PLANTAS MEDICINAIS AOS MEMBROS MAIS JOVENS DA SUA FAMÍLIA?**
- 9- QUAL A ORIGEM DA RENDA DA SUA FAMÍLIA?**
 - ✓ AGRICULTURA
 - ✓ PESCA
 - ✓ OUTRO

10- TEM ALGUMA CRENÇA RELIGIOSA?

11- COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ USA ESTAS PLANTAS?

- ✓ POUCO
- ✓ MUIT
- ✓ RAZOÁVEL

12- QUANDO USA ESTAS PLANTAS SEMPRE SENTE EFEITOS POSITIVOS?

- ✓ SIM
- ✓ NÃO
- ✓ POUCAS VEZES

Imagens de Horta Medicinal e Plantas Medicinais



Figura 1 - Horta Medicinal



Figura 2 - Corama



Figura 3 - Hortelã grande



Figura 4 - Manjeriçao



Figura 5 - Alecrim



Figura 6 - Hortelã miúda



Figura 7 - Sabugueiro



Figura 8 - Camomila